

KÁTIA DE FREITAS LADEIRA

**DUPLA JORNADA DA MULHER E QUALIDADE DE VIDA: A
INFLUÊNCIA DO NÍVEL SOCIOECONÔMICO NAS ESTRATÉGIAS
DE CONCILIAÇÃO ENTRE O TEMPO LABORAL E O TEMPO
FAMILIAR**

Tese apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título de “Magister Scientiae”.

VIÇOSA
MINAS GERAIS - BRASIL
2000

A Deus, presença constante em todos os momentos.
Aos meus pais, Antônio Carlos e Maria das Graças.
Às minhas irmãs e ao meu cunhado.

AGRADECIMENTO

À Universidade Federal de Viçosa, pela oportunidade de realização deste Curso.

À professora e orientadora Maria das Dores Saraiva de Loreto, pela dedicação, pelo apoio, pela paciência, pela atenção e pelas orientações seguras e valiosas.

Às professoras Neuza Maria da Silva e Azuete Fogaça, pelas sugestões e contribuições no enriquecimento deste trabalho.

Às professoras Nerina Aires Coelho Marques e Simone Caldas Tavares Mafra, pelas sugestões na defesa da tese, que muito contribuíram para o aprimoramento deste trabalho.

À Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro.

À Diretoria de Recursos Humanos, pela concessão dos dados sobre as funcionárias da UFV, o que muito facilitou a realização desse trabalho.

Ao meu tio Valter e à minha prima Áurea, pelo apoio e pela disponibilidade, que muito me ajudaram no início da pesquisa.

Às funcionárias da UFV, pela disponibilidade de responder aos questionários, facilitando a coleta de dados, os quais possibilitaram a realização dessa pesquisa.

Aos funcionários do Departamento de Economia Doméstica, Helena, Efigênia, Roberto e João, pelo carinho demonstrado.

À Aloísia, secretária da Pós-Graduação, sempre prestativa e atenciosa a todas as minhas solicitações.

À Jandeci e Elaine, pela colaboração na coleta dos dados desta pesquisa.

À Socorro e Deyse, pelo apoio e pela amizade.

Às minhas colegas de Curso, Juny, Alessandra, Francisca, Rosilene, Áurea, Rita e Luciana, pela solidariedade constante no acompanhamento desta jornada intelectual.

Aos amigos e amigas, Vilma, Rita, Terezinha, Cidinha, Claudete, William e Amauri, pelo incentivo, pelo apoio, por acreditarem em mim e por participarem dos momentos de angústias e alegrias, fazendo-me acreditar no verdadeiro valor da amizade.

À Luciana Margarete Rocha, por todo apoio e pela amizade demonstrados na fase final deste trabalho.

Às minhas tias, Sônia e Anália, por todo carinho demonstrado.

Aos meus pais, às minhas irmãs e ao meu cunhado, que sempre me apoiaram em todos os momentos de preocupações e dificuldades.

E, finalmente, a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho.

BIOGRAFIA

Kátia de Freitas Ladeira, filha de Antônio Carlos Ladeira e Maria das Graças Freitas Ladeira, nasceu em 28 de julho de 1969, em Viçosa, Minas Gerais.

Em 1994, concluiu o Curso de Licenciatura e Bacharelado em Economia Doméstica, na Universidade Federal de Viçosa - UFV .

No período de julho de 1995 a fevereiro de 1998, atuou como pesquisadora, vinculada a projetos sociais, coordenados pelo Departamento de Economia Doméstica da UFV, em Viçosa, Minas Gerais, e como bolsista de aperfeiçoamento do CNPq.

Em março de 1998, ingressou no Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, em nível de Mestrado na área de Economia Familiar, no Departamento de Economia Doméstica, UFV, Viçosa, Minas Gerais.

CONTEÚDO

| | Página |
|--|--------|
| EXTRATO | viii |
| ABSTRACT | x |
| 1. INTRODUÇÃO | 1 |
| 1.1. O problema e sua importância | 4 |
| 1.2. Objetivos | 8 |
| 2. REVISÃO DE LITERATURA | 10 |
| 3. METODOLOGIA | 17 |
| 3.1. Modelo teórico | 17 |
| 3.2. Modelo analítico | 19 |
| 3.3. População e amostra | 22 |
| 3.4. Forma de coleta dos dados | 22 |
| 3.5. Descrição e operacionalização das variáveis | 23 |
| 3.5.1. Características pessoais da mulher | 23 |
| 3.5.2. Características familiares da mulher | 25 |
| 3.5.3. Características do “habitat” familiar | 25 |
| 3.5.4. Características do trabalho ou atividade da mulher | 26 |
| 3.5.5. Ambiente de trabalho doméstico e profissional da mulher | 26 |

| | |
|---|----|
| 3.5.6 Estratégias de conciliação entre o trabalho familiar e o trabalho laboral | 27 |
| 3.5.7. Aspectos relacionados à qualidade de vida | 27 |
| 3.6 Procedimentos estatísticos | 29 |
| 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO | 30 |
| 4.1. Características pessoais da mulher | 30 |
| 4.2. Características familiares | 37 |
| 4.3. Características do “habitat” familiar | 41 |
| 4.4. Características do trabalho da mulher | 44 |
| 4.5. Ambiente de trabalho | 50 |
| 4.5.1. Ambiente de trabalho domestico | 50 |
| 4.5.2. Ambiente de trabalho profissional | 52 |
| 4.6. Estratégias de conciliação entre o tempo laboral e o tempo familiar | 57 |
| 4.7. Aspectos estatísticos entre dupla jornada e os aspectos do modelo tridimensional do trabalho feminino | 60 |
| 4.8. Relação estatística entre dupla jornada e os aspectos do modelo Tridimensional do trabalho feminino | 70 |
| 5. RESUMO E CONCLUSÕES | 75 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 82 |
| APÊNDICE | 87 |

RESUMO

LADEIRA, Kátia de Freitas, M.S., Universidade Federal de Viçosa, setembro de 2000. **Dupla jornada da mulher e qualidade de vida: a influência do nível socioeconômico nas estratégias de conciliação entre o tempo laboral e o tempo familiar.** Orientadora Maria das Dores Saraiva de Loreto. Conselheiras: Neuza Maria da Silva e Azuete Fogaça.

A intensa participação da mulher no espaço público, com possibilidades incontestáveis de inserção no mercado de trabalho, tem provocado um custo no desenvolvimento de sua vida cotidiana, em virtude dos conflitos que surgem na conciliação do tempo laboral e familiar. Ou seja, à medida que a mulher assume responsabilidades extra-familiares, intensifica-se a ocorrência do fenômeno da dupla jornada de trabalho, diante da existência dos papéis e das prescrições sociais sexistas. A partir daí, tornam-se importantes os estudos que visem analisar esse vínculo trabalho/família, avaliando suas inter-relações e identificando suas contradições, a fim de gerar conhecimentos aplicáveis à melhoria do ambiente laboral e familiar da mulher trabalhadora. Nessa perspectiva, esta pesquisa examinou o padrão e a contribuição do trabalho feminino em três aspectos dimensionais: trabalho, trabalhador e ambiente de trabalho, como também suas estratégias de conciliação do uso do tempo e seus possíveis efeitos sobre a qualidade de vida. Fizeram parte do universo da pesquisa mulheres contratadas pela Universidade Federal de Viçosa - UFV, de diferentes níveis sociais, das quais 103 participaram da amostra, tendo sido submetidas a entrevistas por meio de questionários. Os resultados mostraram que todas as mulheres assumiam uma dupla

jornada de trabalho, variando apenas sua intensidade. No caso das mulheres do nível de apoio e parte do intermediário, as responsabilidades na execução do trabalho doméstico eram quase que totais, enquanto as entrevistadas que tinham o nível superior transferiam para a empregada doméstica esse trabalho, o que contribui para reforçar o preconceito de que trabalho doméstico é “coisa” de mulher. Outro aspecto identificado foi que as mulheres que tinham o nível superior estendiam o trabalho profissional para o âmbito doméstico, tendo sido questionado se esse tempo estaria ou não implicando uma tripla jornada de trabalho. Do ponto de vista estatístico, as variáveis que tiveram maior associação com a dupla jornada estavam relacionadas com o perfil pessoal e familiar, o ambiente de trabalho e a qualidade de vida das mulheres entrevistadas. Para reduzir a ação dos fatores negativamente associados com a dupla jornada de trabalho, torna-se necessária a adoção de mecanismos interdisciplinares, de acordo com as características e relações do grupo familiar, para um equilíbrio mais equitativo de gênero na reprodução social. Tudo isto conjugado com jornadas de trabalho mais flexíveis, salários dignos, eficiente rede de serviços de apoio à unidade familiar, oportunidades de lazer cultural e comunitário, visando o fortalecimento dos vínculos e da comunicação intra e extra familiar, bem como a redução dos fatores de tensão, conflitos/estresse, de forma a promover o capital social, para que a emancipação da mulher não seja contrária à melhoria da qualidade de vida da família.

ABSTRACT

LADEIRA, Kátia de Freitas, M.S., Universidade Federal de Viçosa, september 2000. **Woman's double work journey and life quality: the influence of the economic level on conciliation strategies between the labor time and the family time.** Adviser: Maria das Dores Saraiva de Loreto. Committee members: Neuza Maria da Silva and Azuete Fogaça.

The woman's intense participation in the public space, with incontestable possibilities for inserting in labor market, has been provoking a cost in the development of her daily life due to the conflicts that appear in conciliation of the labor time and family time. That is, as the woman takes extra-family responsibilities, the occurrence of the phenomenon of the work double journey intensifies due to either the existence of the roles and the sexist social prescriptions. Therefore, the studies that seek to analyze the work/family linkage, by evaluating its interrelations and identifying its contradictions become important in order to generate knowledge applicable to the improvement of the labor and family environment of the working woman. Under this perspective, this research examined the pattern and the contribution of the feminine work in three dimensional aspects: work, worker and work environment as well as its strategies for conciliation of the time use and its possible effects on life quality. The research universe consisted of different social level women hired by the Universidade Federal de Viçosa – UFV. From those, a total of 103 women

participated in the sample, having been submitted to interviews by means of questionnaires. The results showed that all women assumed a work double journey, just varying its intensity. For those women of the support level case and those of the intermediate one, the responsibilities in execution of the domestic work were almost total, while the superior level interviewees used to transfer this work to the domestic maid, so contributing to reinforce the preconception that the domestic work is a "woman's thing." Another identified aspect was that the superior level women used to extend the professional work to the domestic ambit, having been questioned if this time would be or not implying a triple work journey. Under the statistical viewpoint, the variables showing a higher association with the double journey were related to both personal and family profile, the work environment and the life quality of the interviewed women. To reduce the action of the factors negatively associated with the double work journey, it was necessary to adopt the inter-disciplinary mechanisms according to the characteristics and relationships of the family group, for a more equitable balance of the gender in social reproduction. This, conjugated with more flexible work journeys, worthy wages, efficient net of support services to the family unit, opportunities for cultural and community leisure, aiming to the strengthening of the linkages and the intra and extra-family communication, as well as the reduction of the tension factors, conflicts/stress, in such a way to promote the social capital, so that the woman's emancipation would not be contrary to the improvement of the family life quality.

1. INTRODUÇÃO

A mulher, mesmo exercendo uma atividade produtiva fora de casa, continua desempenhando atividades domésticas e se responsabilizando por qualquer alteração ocorrida nas relações e no cotidiano familiar. Diante desta realidade, procurou-se, neste estudo, analisar as condições da dupla jornada da mulher trabalhadora, casada, separada e viúva, inserida em diferentes níveis sociais, com o objetivo de identificar como elas conciliam seu tempo laboral com o tempo familiar, bem como seus efeitos sobre a qualidade de vida.

Segundo MACEDO (1994), assim como a família genérica muda e se adapta às circunstâncias históricas, às características sociais e econômicas e às injunções de poder, também a família de cada um está sujeita às pressões do contexto em que se insere, além das pressões internas relativas ao desenvolvimento dos que a constituem. A mudança de cada membro implica mudanças no sistema total. Uma das perspectivas que orienta a compreensão das relações familiares intra e intersistemas, bem como as possíveis ações interventivas, é a do ciclo de vida, cujas raízes situam-se na sociologia da família e na psicologia do desenvolvimento, tendo a criação dos filhos como elemento organizador da vida familiar. O valor do ciclo de vida da família consiste em oferecer não uma norma, mas um quadro de referência, com base nas expectativas do cumprimento, pela unidade familiar, das tarefas evolutivas que

asseguram o desenvolvimento “saudável” de seus membros, em suas diversas etapas da vida.

As mudanças do papel da mulher na sociedade e na família também geram grandes alterações no ciclo vital da família. Hoje, as funções de esposa e mãe, que a envolviam prioritariamente, deixaram de ser sua prerrogativa exclusiva. Ou seja, a mulher procura firmar sua identidade pessoal para além dos limites do lar, buscando satisfação na execução de projetos pessoais, que envolvam um trabalho profissional e uma carreira. Em contrapartida, atualmente, os problemas mais frequentes das famílias de classe média são aqueles decorrentes da dupla jornada feminina. As dificuldades originadas pelo trabalho e os conflitos entre os papéis que desempenham têm levado a mulher a ter filhos mais tarde, a ter menos filhos ou até mesmo a optar por não tê-los (MACEDO, 1994).

A questão do trabalho feminino e, especialmente, da dupla jornada que ele acarreta passou a ser estudada com maior profundidade a partir dos anos 70. Sua importância foi destacada por BRUSCHINI (1994), que relatou que, se o trabalho for definido como toda atividade necessária para o bem-estar dos indivíduos, das famílias e de toda a sociedade, o trabalho feminino estará em toda parte: no preparo da comida, na limpeza da casa e das roupas, na organização e gerência do lar, na formação de futuras gerações e em inúmeros outros afazeres. A mesma autora destacou algumas razões para que, na década de 80, fosse intensificado o ingresso das mulheres no mercado de trabalho, principalmente as necessidades econômicas, que se acentuaram com a deterioração dos salários reais dos trabalhadores, obrigando-as a buscar, fora do lar, uma complementação para a renda familiar. Os seus estudos também mostraram que não só as mulheres pobres têm se inserido cada vez mais no mercado, mas também as mais instruídas das camadas médias, como uma forma de realização pessoal e autocrescimento. Outra razão que explica o novo comportamento feminino é que, com a elevação da expectativa de consumo, diante da proliferação de novos produtos e das estratégias de “marketing”, foram redefinidos os conceitos de necessidades econômicas, tanto para as famílias das camadas médias, como para as de renda mais baixa, entre as quais, embora a sobrevivência continue a ser a

questão crucial, passa a existir também um anseio de ampliar e diversificar a cesta de consumo. Assim, o ato de trabalhar fora de casa para ajudar no orçamento doméstico adquire novas possibilidades de definição, que se expressam de maneiras diferentes em cada camada social, mas que só se viabilizam pela existência de emprego. No entanto, a necessidade e as possibilidades que as mulheres têm de trabalhar dependem tanto de fatores econômicos quanto da posição que ela ocupa nesse grupo. Ou seja, a disponibilidade da mulher para o trabalho, fora do âmbito doméstico, é determinada tanto por características pessoais, como idade, estado civil e escolaridade, como por aspectos relacionados à família, como o número e a faixa etária dos filhos, a etapa do ciclo de vida e, por fim, as características do próprio ambiente, como o nível socioeconômico em que a família está inserida.

Nesse contexto, a presente pesquisa procurou responder às seguintes questões: como são estabelecidas as relações familiares e de trabalho? De acordo com o nível socioeconômico da família, este binômio trabalho/família se dá de forma harmoniosa ou antagônica? Quais estratégias são desenvolvidas pelas mulheres para conciliar seus múltiplos papéis e para administrar seus recursos? Qual o grau de satisfação das mulheres que estão inseridas no mercado de trabalho, e como o trabalho feminino está sendo visualizado e valorizado?

Considera-se que a principal contribuição deste estudo reside no fato de, em qualquer campo do conhecimento e, principalmente, em estudos relacionados à mulher, as fontes secundárias, além de serem insuficientes, pouco ressaltam os aspectos sensitivos de gênero, necessitando ser complementadas por outras pesquisas, para o desenvolvimento de conceitos, para a percepção de papéis-chave, para a categorização das unidades tempo-atividades e sua relação com variáveis, pessoais e contextuais das unidades familiares.

1.1. O problema e sua importância

Segundo dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, citados por TOLEDO (1998), grande parte da população do Brasil vive em situação de exclusão social. Em torno de 29% da população brasileira encontra-se abaixo da linha de pobreza, tendo as famílias que buscar “artimanhas” ou estratégias de sobrevivência. Neste contexto, julgou-se de fundamental importância um estudo que enfatizasse esses modos de vida, procurando ressaltar as condições do trabalho da mulher entrevistada, de acordo com suas características pessoais, familiares e do ambiente em que vive.

Segundo VIEIRA (2000), a participação feminina no mercado de trabalho tem aumentado cada vez mais, seja para incrementar a renda familiar, seja para ocupar o lugar de provedor deixado pelo marido ou pai desempregado. A autora ainda afirma que a importância dessa participação, em termos de ocupação e rendimentos da mulher para a família, vem dando saltos desde 1990; naquele ano, 20% do total dos chefes de família eram mulheres. Em 1995, elas passaram a representar 22,9% e, em 1998, somaram um universo de 25,9%. Ao mesmo tempo, no período analisado, a posição de chefe de família recuou para os homens em 7%. O que então se observa é que as mulheres têm procurado alguma forma de contribuir para o orçamento familiar, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida das suas famílias. Contudo, esse esforço feminino de participação na esfera produtiva tem resultado no fenômeno da dupla jornada de trabalho, à medida que as mulheres são obrigadas a conciliar o trabalho remunerado com a execução do trabalho doméstico.

O exercício simultâneo das atividades laborais e daquelas relativas ao seu papel doméstico tradicional tem levado as mulheres a tensões cotidianas, não somente pelo somatório das jornadas, mas também pelo fato de elas terem de transitar por dois mundos de atividades, o público e o privado, que têm lógicas, critérios e valores diferentes. Tais circunstâncias têm exigido das mulheres que conciliem o tempo dedicado à vida familiar e o tempo dedicado ao trabalho, buscando alcançar um equilíbrio entre aqueles dois mundos, de forma tal que

consigam construir e manter suas identidades como mãe, como esposa e como profissional (VIGOYA, 1997).

Dentro desse contexto, BUCHALLA (2000) destacou a questão de que o desacerto entre casais por causa da carreira é um fenômeno recente no País. No passado, o papel reservado à mulher era o de dona de casa e mãe de família; se o marido fosse transferido para outra cidade, ela apenas se conformava com a situação e ia atrás dele. Afinal, era o homem que se encarregava da manutenção financeira da família. Entretanto, a mesma autora, baseando-se em dados do Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE), encontrou que houve uma significativa mudança na estrutura da sociedade brasileira. A participação das mulheres no mercado de trabalho subiu de 19 para 48%, nos últimos 30 anos, o que significa que a mulher parou de aceitar o papel de coadjuvante para influir diretamente não só no orçamento da casa, como também nas aptidões profissionais do casal. Por isto, quando se fala que o sucesso de um cônjuge pode incomodar o outro, não se pensa mais naquela imagem do homem saindo para trabalhar e da mulher reclamando que ele não liga mais para a casa. Muitas vezes é o homem que tem de conviver com um certo complexo de inferioridade, em consequência do sucesso profissional da parceira. Apesar disto, a realidade tem mostrado que a participação dos membros da família na carga do trabalho doméstico não tem sido significativa, continuando este a ser de responsabilidade da esposa e mãe. Em resumo, apesar da tecnologia e da nova conscientização feminina, não tem ocorrido uma mudança perceptível neste modelo tradicional de participação doméstica, provavelmente em função dos valores culturais, das atitudes e do estilo de vida da população brasileira.

De acordo com HIRATA e HUMPHREY (1992), na tradição sociológica, trabalho e família apareceram por muito tempo como elementos dissociados. Entretanto, no desenvolvimento das pesquisas feministas foi apontada a necessidade de realização de estudos sobre a relação entre sistemas produtivos e estruturas familiares, de forma a reunificar, em nível analítico, a esfera doméstica e a esfera do trabalho profissional. Neste sentido, a família constitui o âmbito da tomada de decisões, relativas tanto ao consumo quanto às atividades econômicas de seus membros, as quais são a principal fonte de renda familiar. Assim, com

base em LEONE (1996), verifica-se que a família é mais do que uma simples reunião de pessoas, sendo possível identificar, em nível do conjunto dos membros familiares, a existência de estratégias que influem bastante nas decisões individuais.

De acordo com BRUSCHINI (1995), o fato de as características da família serem determinantes de uma maior ou menor possibilidade da mulher participar da atividade econômica faz com que seja importante identificar os fatores que limitam a sua participação neste tipo de atividade. Por exemplo, mulheres casadas e com muitos filhos menores enfrentam maiores dificuldades, tanto na inserção quanto na permanência no mercado de trabalho. Além deste, existem outros fatores, familiares e pessoais, que são determinantes da presença das mulheres no mercado de trabalho, como: a etapa do ciclo de vida em que se encontra a família, a renda familiar, o tamanho e o tipo de família, o número de filhos, a idade, a escolaridade e o estado civil das mulheres. No que diz respeito à relação entre trabalho e família, a autora constatou, no Brasil, a tendência de as mulheres mais velhas e com responsabilidades familiares ingressarem cada vez mais no mercado de trabalho urbano, muitas vezes em empregos formais que exigem, além do deslocamento casa/trabalho, jornadas regulares e integrais.

Ao lado das características pessoais e familiares, SINGAL e SRINIVASAN (1990) citaram, ainda, alguns outros fatores ambientais, influenciadores do trabalho feminino, dentre os quais se destacam: a) as mudanças tecnológicas e a intensificação das migrações, decorrentes do processo de industrialização, que acentuaram a divisão social e sexual do trabalho, além de alterarem a estrutura do emprego; b) as políticas econômicas e sociais, de cunho recessivo, que repercutiram sobre o nível e a composição da força de trabalho, no perfil perverso da distribuição de renda, na magnitude da pobreza e na dificuldade ou impossibilidade de acesso aos bens e serviços básicos; e c) a própria estrutura do mercado laboral que, ao ampliar seu grau de heterogeneidade, flexibilidade e informalização, abriu espaços apropriados à incorporação da mulher.

No Brasil, evidencia-se uma tendência à informalização das atividades produtivas e à feminização da pobreza, quando as mulheres, para garantir a

sobrevivência familiar, se submetem a relações de trabalho precárias e subproletarizadas, pois, mesmo com um nível educacional médio mais elevado que o dos homens, o segmento feminino tem recebido menos e trabalhado mais. Como diz WAJNMAN E PERPÉTUO (1997), “o crescimento da atividade feminina tem se dado num contexto de aumento da informalização, por ser um “*locus*” privilegiado de situações de aprofundamento da precarização”. Tal situação se deve a alguns dos aspectos atuais do mercado de trabalho, no contexto de uma economia globalizada, que tornam esse mercado mais flexível, intermitente, marcado por jornadas mais curtas e, claramente, mais terceirizado. A essas características se acrescentam os próprios fatores conjunturais, que identificam as atividades femininas como estratégias de proteção da renda familiar.

Assim, segundo CORAGGIO (1997), num quadro de desigualdades sociais e de fragmentações assimétricas presentes na sociedade global, assumem importância fundamental tanto a família quanto o trabalho feminino, sendo este entendido como estratégia de ampliação da renda familiar. O trabalho feminino, que até pouco tempo era visto como trabalho complementar e, portanto, não-essencial para o sustento da família, passa a ter valor econômico e significado social.

Nesse contexto, considera-se que políticas sociais serão necessárias, para que seja viabilizada a conciliação entre atividades econômicas e responsabilidades familiares. A atuação do estado tende a ser cada vez mais fundamental para a melhoria da qualidade de vida dessas mulheres trabalhadoras e, principalmente, de seus filhos. Essa atuação pode se dar, por exemplo, por meio de uma política de instalação de creches, de boa qualidade e em número suficiente para atender à demanda e aos direitos das crianças, assim como de uma política educacional que possibilite períodos escolares infantis mais extensos. Como afirma o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD (1995), enquanto as mulheres forem excluídas e discriminadas, quer nos ambientes de trabalho quer nos ambientes familiares, a nova ordem mundial intensificará a pobreza e a exclusão social, e não se traduzirá em desenvolvimento sustentável. Ou seja, a mulher deve ser considerada como

agente e beneficiária das mudanças e transformações em curso, devendo-se tornar visíveis suas potencialidades, com investimentos em sua capacidade de empreendimento, de forma que seja ela habilitada a fazer escolhas, tornando-a também uma pessoa capaz de contribuir para o crescimento econômico e o desenvolvimento social global.

Dessa forma, considera-se que estudos sobre esse vínculo trabalho feminino/ família, dentro de uma perspectiva temporal e sistêmica, que analise suas inter-relações e identifique suas contradições, poderão gerar sugestões para a melhoria do ambiente laboral e familiar, possibilitando, inclusive, a formulação de políticas que afetem as várias dimensões internas e externas do grupo familiar. Assim, poderão contribuir para que haja um equilíbrio e uma relação harmoniosa entre os papéis laboral e familiar da mulher, com efeitos sobre a qualidade de vida das unidades familiares.

1.2. Objetivos

Geral

Realizar uma pesquisa cujo foco de estudo seja a mulher trabalhadora, de diferentes níveis sociais, buscando identificar e analisar o padrão do trabalho feminino e as estratégias estabelecidas no cotidiano dessas mulheres/provedoras, no sentido de conciliar o tempo laboral e familiar, bem como seus impactos sobre a qualidade de vida, visando subsidiar programas e estratégias de ação que contribuam para a satisfação pessoal e familiar.

Específicos

- Delinear o perfil da mulher trabalhadora, que se encontra inserida em diferentes níveis socioeconômicos, em termos de suas características pessoais e familiares e do “habitat” ou microsistema.

- Identificar de que maneira a mulher administra o seu tempo, familiar e laboral, delimitando o padrão do trabalho feminino em termos do tipo, das condições e do ambiente, e também como é gasto seu tempo livre.

- Identificar as estratégias utilizadas pela mulher na conciliação do tempo laboral e familiar, levando em consideração a estrutura da unidade doméstica, o padrão do trabalho feminino, bem como seus efeitos sobre o nível de satisfação com a qualidade de vida.

- Analisar o nível de associação entre a dupla jornada feminina e as características pessoais e familiares de mulheres, em diferentes segmentos ocupacionais, assim como com seu ambiente de trabalho e suas condições de vida.

- Sugerir possíveis programas e estratégias de ações, no sentido de proporcionar condições para amenizar os problemas decorrentes da conciliação entre o tempo laboral e o tempo familiar do segmento feminino trabalhador.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Na revisão de literatura, procurou-se sumarizar alguns estudos nos quais o trabalho feminino é analisado, destacando os aspectos de gênero, os fatores determinantes do ingresso da mulher no mercado de trabalho, a valorização do trabalho doméstico e a qualidade de vida.

Com base na classe social a que a mulher pertence e no seu ambiente de trabalho, ANYON (1990) observou a existência de diferenças sutis na ideologia do que é considerado um comportamento apropriado da mulher, bem como na contradição entre feminilidade e auto-estima. Por exemplo, a contradição predominantemente enfrentada por muitas mulheres da classe trabalhadora e da classe média baixa consiste no fato de que a carga de feminilidade (ser submissa ou subordinada ao homem, dependente e doméstica) está em franca desconexão com as necessidades cotidianas de suas vidas (como, por exemplo, a luta pela sobrevivência diária). Complementarmente, para muitas mulheres da classe trabalhadora a contradição manifesta-se na ruptura entre a vontade de seus maridos (de que permaneçam em casa e sejam submissas) e a necessidade do reconhecimento de sua competência e de autocrescimento. Assim, embora se espere dessas mulheres sucesso no mundo do trabalho, também exige-se que sejam femininas e desempenhem papéis domésticos, o que configura não apenas uma contradição, mas um desafio. A contradição para as mulheres profissionais manifesta-se de várias maneiras, como: depois de ter recebido seu diploma universitário e despendido esforços para se destacar profissionalmente, pode, de

um momento para o outro, ser pressionada socialmente para que abandone a profissão e se limite a ser mãe e dona de casa. Assim, não apenas os traços de personalidade, mas também as imposições biológicas e ocupacionais podem ter efeitos diferentes para o sucesso doméstico e profissional dessas mulheres.

SILVEIRA (1997) fez uma extensa revisão de literatura sobre as questões de gênero e verificou que elas operam, social e historicamente, em várias dimensões, como: a de um simbolismo de gênero e de uma normatividade social; a dimensão político-econômica ou macrosocial, na qual se inclui, por exemplo, a divisão sexual do trabalho, dimensão esta que revela uma maior fixidez; e a dimensão do sujeito, na qual estão incluídas as identidades de gênero. Nessa perspectiva, o gênero se configura como uma categoria relacional e transversal, que possibilita avançar na compreensão das diversas formas de subordinação das mulheres na sociedade. Assim, os primeiros desafios do movimento de mulheres foram o de perceber que a desigualdade entre homens e mulheres era uma construção social e o de destacar o equívoco contido na idéia de que a tradicional subordinação das mulheres era um dado natural, como destino biologicamente determinado. Sem negar que homens e mulheres são diferentes, certos dados e diferenças somente adquirem significado de superior/inferior a partir de uma estrutura de sistema de valores culturalmente definida.

Nos movimentos sociais, a presença das mulheres, como sujeito, tem levado ao questionamento das rígidas separações dicotômicas, como público e privado, razão e emoção, subjetividade e objetividade, real e utópico, igualdades e diferenças. Estes questionamentos trouxeram para o centro de debate alguns temas que, via de regra, eram deixados de fora do cenário público e da agenda política, apesar de sua relevância para o desenvolvimento social e, conseqüentemente, para a melhoria das condições de vida (SILVEIRA, 1997).

De acordo com BRUSCHINI (1995), as profundas transformações nos padrões de comportamento e nos valores relativos ao papel social da mulher têm sido intensificadas, desde os anos 70, pelo impacto dos movimentos feministas e pela presença feminina, cada vez mais atuante, nos espaços públicos, ocorrendo um aumento da oferta de mão-de-obra feminina e a formação de uma nova

identidade para as mulheres, cada vez mais voltada para o trabalho produtivo. A expansão da escolaridade e o acesso das mulheres às universidades foram aspectos fundamentais deste amplo processo de transformação. Paralelamente, desde o final dos anos 60, em virtude da difusão das práticas anticonceptivas, pode-se observar, no Brasil, a queda das taxas de fecundidade, uma das mais importantes transformações demográficas ocorridas no país, o que também tem desempenhado papel fundamental na ampliação da atividade produtiva feminina. Não apenas as mulheres mais instruídas, de nível socioeconômico mais elevado e economicamente ativas, passaram a ter menor número de filhos e, ao mesmo tempo, tornaram-se mais disponíveis para o trabalho.

Por outro lado, a manutenção de um modelo de família segundo o qual as tarefas domésticas e socializadoras são de responsabilidade das mulheres e a persistência de uma identidade construída em torno do mundo doméstico têm condicionado a participação da mulher casada no mercado de trabalho a outros fatores, além daqueles que se referem à sua qualificação profissional e à oferta de emprego, que são os aspectos determinantes no caso dos homens. A constante necessidade de articular papéis familiares e profissionais tem limitado a disponibilidade das mulheres para o trabalho, pelo fato de dependerem de uma complexa combinação de características pessoais e familiares. Ou seja, o estado conjugal e a presença de filhos, associados à idade e à escolaridade da trabalhadora; as características do grupo familiar: como o ciclo de vida, a estrutura e o nível socioeconômico da família; e a necessidade econômica e a existência de emprego são fatores que estão sempre presentes e marcantes na decisão das mulheres de ingressar ou permanecer no mercado de trabalho. A atividade econômica exercida pelas mulheres não depende, portanto, apenas das condições do mercado e das suas exigências em termos de qualificação; ela decorre, também, de uma articulação complexa e em permanente transformação dos fatores mencionados, que afetam as demandas das mulheres em termo de tipo, local e tempo dedicado às atividades laborais, bem como o ambiente de trabalho selecionado (BRUSCHINI, 1995).

Dentro desse contexto, WALKER e GAUGER (1973) afirmaram que, quando se aprende sobre a importância do trabalho doméstico, também pode-se

entender melhor as condições e os sentimentos que as mulheres têm a respeito de determinadas atividades e seus efeitos recíprocos. Várias questões são levantadas, como: de que maneira o número de filhos afetará as condições e o custo do trabalho doméstico? Como os filhos poderão contribuir com o trabalho em casa? Estariam os membros da família - crianças, mãe e pai - colaborando de forma equitativa para o bem-estar da família como um todo?

De acordo com esses autores, com o passar dos anos ocorreram mudanças na natureza do trabalho da família: enquanto algumas destas modificações economizaram tempo, outras simplesmente mudaram a maneira de se usar o tempo. Por exemplo, a comunidade pode proporcionar todos os tipos de cuidado à criança, como: creche, biblioteca, piscina ou campo de futebol; os setores secundários e terciários da economia passaram a fornecer refeições prontas; e alguém na família pode usar o tempo para escolher os produtos expostos nas prateleiras do mercado, para esperar na fila do caixa e no sinal de trânsito e, por fim, para encontrar um lugar para armazenar alimentos de preparo instantâneo. Além disto, muitos utensílios e aparelhos domésticos estão realmente economizando mão-de-obra e aliviando a carga de trabalho, ainda que necessitem de tempo para o serviço, a manutenção e o conserto. Algumas mudanças no trabalho familiar tornaram-no mais fácil de ser feito, embora algumas pessoas ainda confundam “mais fácil de fazer” com “menos tempo gasto em fazer”. Enfim, mudanças sociais, culturais e tecnológicas têm ocorrido simultaneamente, sendo muito difícil avaliar isoladamente a causa dessas mudanças ou seus efeitos no trabalho doméstico. A comunidade assumiu alguns serviços, que antes eram de responsabilidade da família, e a tecnologia eliminou a necessidade de alguns serviços e mudou a natureza de outros; entretanto a família ainda continua proporcionando muitos serviços a seus membros (WALKER e GAUGER, 1973).

Outro fator a ser destacado é que pouca, senão nenhuma, atenção tem sido dada à maneira como as pessoas utilizam seu tempo e a certas características do próprio processo de trabalho, determinantes da qualidade de vida, como: o nível de atenção ou energia requerida, o número de tarefas realizadas ao mesmo tempo, ou a extensão e a intensidade do trabalho. Segundo FLORO (1995), a

intensificação do trabalho, no sentido de que a pessoa está trabalhando mais ou que está realizando mais esforço por unidade de tempo, ou de que é obrigada ao exercício simultâneo de duas ou mais atividades, que requerem energia ou concentração consideráveis, é uma dimensão qualitativa de uso de tempo, que afeta tanto o bem-estar do trabalhador, quanto o da dona de casa. A escassez e a superficialidade das pesquisas sobre o uso do tempo e a análise de atividades justapostas contribuem para uma tendência de erro sistemático nesses dados. Assim, o tempo gasto com certas atividades, como o cuidado de crianças, de modo geral é subestimado, o que tende a afetar a qualidade de vida.

Conforme CEBOTAREV (1979), o desenvolvimento ou a melhoria da qualidade de vida de uma comunidade deve ser considerado sob o ponto de vista global, constituindo o processo de transformação socioeconômica que se realiza com a participação ativa de toda a população afetada. Já o desenvolvimento da família é um processo que capacita a família, como um todo, a progredir para um nível mais alto de vida.

Portanto, o conceito de nível de vida engloba uma combinação complexa de consumo, de condições de trabalho, de posses, de liberdades, de ambiente e de equilíbrio ou de harmonia entre os membros familiares; ou seja, é aquilo que é realmente experimentado, apreciado ou sofrido pelo indivíduo ou pelo grupo. Para atingir o desenvolvimento da família, todos os elementos do microssistema familiar, que são interdependentes, obtêm e alocam os recursos dentro dos subsistemas físico, técnico e socioinstitucional, contribuindo para o crescimento e o desenvolvimento da comunidade global (ENGBERG, 1992). Portanto, bem-estar familiar e sua qualidade de vida estão associados com a capacidade da família de se adaptar e se desenvolver como um ecossistema, ou seja, a construção de uma medida de qualidade de vida deverá estar condicionada ao tipo de população estudada, às experiências vivenciadas e aos valores culturais do grupo social onde se pretende aplicá-la.

ACOSTA-HOYOS e GUERRERO (1985), discutindo os pressupostos teóricos de seus estudos, relacionaram a qualidade de vida com as opções econômicas e com as necessidades familiares dos indivíduos. Os autores consideram que o referencial teórico da qualidade de vida, denominado “teoria da

percepção das necessidades humanas,” tem duas vertentes: a econômica e a social. Com relação à primeira vertente, a teoria tem as raízes na literatura econômica keynesiana, que focaliza as percepções das necessidades humanas, mesmo no centro do progresso econômico, como parâmetro para avaliar o direcionamento desse progresso. As necessidades são agrupadas em duas classes: necessidades absolutas e necessidades relativas. As necessidades absolutas dizem respeito ao desafio que todo indivíduo deve aceitar pela sua subsistência: alimentação, moradia, saúde e segurança no trabalho. Essas necessidades podem e devem ser satisfeitas antes de o ser humano ter a clara percepção das necessidades relativas, que, por sua vez, podem ser insaciáveis. Elas serão tanto mais insaciáveis quanto mais alto for o nível econômico dos indivíduos. Assim, o lazer, a arte, o conforto, a autopromoção e a satisfação pessoal formam o núcleo das necessidades humanas relativas, surgidas da abundância econômica da nova revolução pós-industrial. Na vertente sociológica, a teoria da percepção das necessidades humanas identifica, de forma concreta, a supremacia das necessidades não-materiais naqueles grupos sociais já livres de preocupações de ordem econômica. Contudo, MASLOW (1970) foi quem sistematizou os resultados das pesquisas empíricas, introduzindo o conceito de hierarquia entre as necessidades humanas não-materiais (relativas na linguagem de Keynes) e materiais (absolutas para Keynes). Tanto para Keynes quanto para Maslow, as necessidades relacionadas à sobrevivência, ou seja, o preenchimento das necessidades materiais, constituem uma pré-condição para a percepção e realização das necessidades subseqüentes, que são aquelas classificadas como não-materiais ou relativas. Neste mesmo contexto, ALDERFER (1969), ao tratar da teoria das necessidades humanas, adotou a hierarquia de Maslow, mas resumiu-a em três categorias: a primeira abrange as necessidades de existência e inclui todas as formas de desejos materiais ou fisiológicos; a segunda refere-se às necessidades de relacionamento humano, que inclui todas as relações com pessoas significantes; e, finalmente, a terceira incluiu as necessidades de crescimento do indivíduo, que envolvem todo trabalho criativo consigo mesmo ou com o meio ambiente. Além da hierarquização, o autor formulou a hipótese

sobre a força dos desejos, bem como da direção que essas forças podem ter na priorização das necessidades humanas.

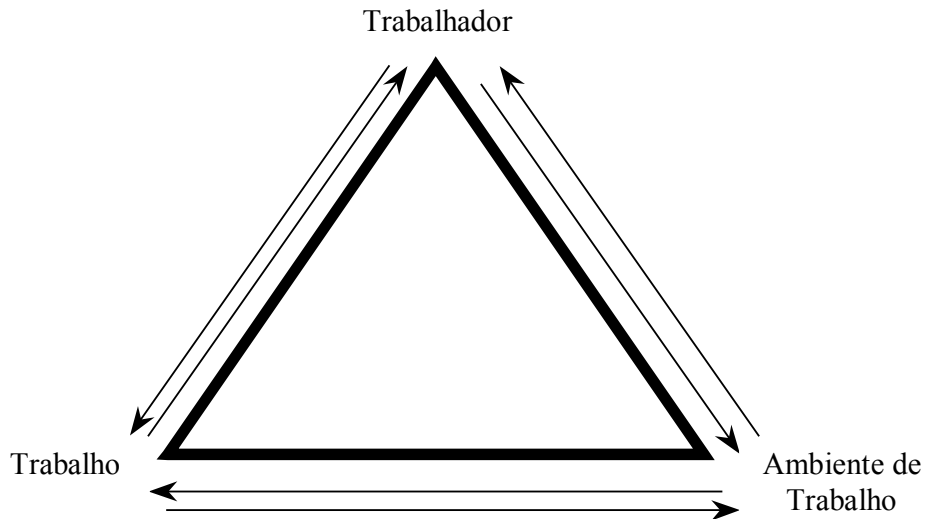
3. METODOLOGIA

Procurou-se discutir os modelos teórico e analítico, o universo da pesquisa e o processo de amostragem, assim como a descrição, a operacionalização e as formas de análise das variáveis do estudo.

3.1. Modelo teórico

Para analisar a influência do nível socioeconômico nas estratégias de conciliação entre tempo laboral e tempo familiar, esta pesquisa utilizou o modelo tridimensional, proposto por STEIDL e BRATTON (1968), no qual procura-se identificar e analisar, conforme a Figura 1, a interação entre os seguintes elementos: trabalhador, trabalho e ambiente de trabalho.

Segundo aquelas autoras, quando se analisa o trabalhador deve-se considerar suas demandas individuais com relação a uma atividade particular, bem como seus efeitos recíprocos sobre outras atividades, levando em consideração o número, a variedade, a duração das posições, as condições e os sentimentos com relação à atividade, as qualidades, a organização, a atenção e o esforço.



Fonte: STEIDL e BRATTON (1968).

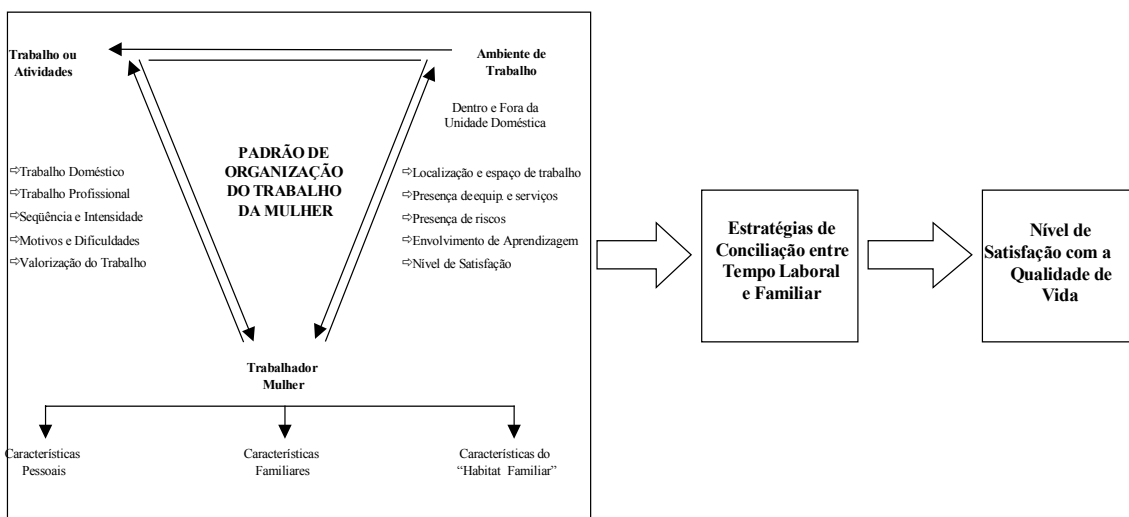
Figura 1 - Modelo tridimensional do trabalho.

No que concerne ao trabalho em si, os seguintes aspectos podem ser observados: os tipos de atividades realizadas e suas repercussões sobre outras; a quantidade e o uso do tempo destinado às mesmas; o local e a área de trabalho; os materiais, os processos e as ferramentas utilizadas; as facilidades usadas; e o desempenho da pessoa na atividade.

O ambiente de trabalho foi definido pelas autoras como as condições nas quais o trabalho é realizado, incluindo o exercício e a aceleração das atividades, que exijam e requeiram o mínimo de restrição e de esforço do trabalhador. Além disto, são considerados aspectos como: localização, quantidade e arranjo espacial das áreas de trabalho e outras características específicas, que possibilitem ao trabalhador realizar escolhas inteligentes, visando reduzir ao mínimo o trabalho necessário.

3.2. Modelo analítico e identificação das variáveis de análise

No modelo analítico procurou-se identificar as variáveis referentes ao diagrama tridimensional, apresentado na Figura 1, que mostra o padrão do trabalho feminino, nas seguintes dimensões: atividades, ambiente de trabalho e características do trabalhador.



Fonte STEIDL e BRATTON (1968), com adaptações.

Figura 2 - Diagrama esquemático do modelo tridimensional do padrão do trabalho feminino.

As variáveis utilizadas nesse modelo tridimensional do padrão de organização do trabalho da mulher foram identificadas da seguinte forma.

No que diz respeito à mulher trabalhadora, procurou-se ressaltar suas características pessoais ou os atributos específicos de sua pessoa; concepções a respeito de gênero, modernismo individual e autonomia. Gênero foi definido, de acordo com MARQUES e CEBOTAREV (1996), como uma interpretação cultural das definições biológicas entre mulher/homem. Já a tendência ao modernismo individual foi identificada por Inkeles, citado por EBOLI (1997), como um complexo de qualidades e não como um único traço, ou seja, como um processo multidimensional, que tem o sujeito como principal elemento da interação e articulação, envolvendo aspectos culturais, políticos, sociais, administrativos, econômicos e tecnológicos. A autonomia caracterizou-se pelo

grau de independência da mulher no processo de tomada de decisão em relação à sua vida familiar, pessoal e profissional.

Além disso, foram identificados os aspectos relativos à família, em termos de tamanho, tipo de família e ciclo de vida. De acordo com PAIXÃO (1993), o ciclo de vida da família foi definido como o espaço de tempo compreendido entre sua formação, que se dá com a união do casal, passando por diversas fases ou estágios, como: nascimento dos filhos, sua criação e separação e retorno da vida a dois, e a morte de um dos cônjuges.

Outro fator relacionado à variável “mulher trabalhadora” está associado ao seu “habitat” familiar, em termos de localização da moradia, anos de residência, aspectos específicos da habitação, tempo gasto de casa ao trabalho e a utilização dos serviços comunitários à disposição das unidades familiares.

No caso das atividades realizadas pela mulher, foram considerados tanto o trabalho doméstico como o profissional. Conceituou-se como trabalho doméstico “aquelas atividades não pagas que são realizadas pelos membros da família e para eles; atividades estas que poderiam ser substituídas por bens de mercado e serviços pagos, se circunstâncias como renda, condições de mercado e inclinações pessoais permitissem que o serviço fosse delegado a alguém fora do grupo doméstico” (definição proposta por Reid, citada por MARQUES e CEBOTAREV, 1996). Já o trabalho profissional foi entendido como todo aquele realizado fora de casa, seja em atividades de apoio, atividades técnicas ou em funções de nível superior. Além disto, procurou-se verificar como se dava a seqüência das atividades domésticas, a intensidade dessas tarefas em termos do tempo (em horas), o período em que eram realizadas (manhã, tarde, noite) e a freqüência da realização (sempre, duas a três vezes na semana, nunca e nos fins de semana). Buscou-se, ainda, identificar as pessoas que ajudavam ou realizavam as atividades na colaboração do trabalho da mulher (filhos e filhas maiores e menores de 14 anos, empregada doméstica e marido), assim como ressaltar os motivos que levaram essas mulheres a trabalhar fora de casa, as dificuldades encontradas na realização das atividades domésticas e como era percebido o valor dado ao trabalho realizado por elas.

No que se refere ao ambiente de trabalho, tanto dentro como fora da unidade doméstica, procurou-se enfatizar o local e o espaço dedicado ao trabalho; a existência de algum processo de aprendizagem envolvido no seu desenvolvimento; a presença de equipamentos e serviços que auxiliassem na execução do trabalho; os riscos percebidos e, ou, identificados na realização das tarefas; bem como o nível de satisfação da mulher com o seu ambiente de trabalho.

Com relação às estratégias de conciliação entre o tempo laboral e o tempo familiar, procurou-se identificar, por meio dos depoimentos das mulheres dos diferentes níveis ocupacionais, quais eram as estratégias utilizadas por elas, a fim de conciliar seu trabalho profissional com o doméstico.

Para identificar os efeitos do padrão de trabalho, isto é, seu resultado em função das estratégias utilizadas pela mulher na conciliação entre o trabalho profissional e o doméstico, procurou-se analisar a qualidade de vida da mulher e de sua família. Para definir o nível de qualidade de vida, esta pesquisa utilizou o modelo proposto por METZEM et al. (1980), considerando que o conceito de qualidade de vida deve abranger, além da realidade concreta de vida dos indivíduos e das famílias, as suas percepções individuais. Ou seja, a qualidade de vida, segundo os autores, deve abranger tanto fatores inerentes e condicionantes do estado de bem-estar concreto das pessoas, individualmente ou em grupos, como também suas percepções e avaliações subjetivas, categorizadas pelo nível individual de satisfação total com a qualidade de vida, com vários domínios ou campos da vida. Esses domínios, em função do ambiente físico e humano, estão relacionados aos seguintes elementos: educação, saúde, serviços comunitários, habitação, segurança física, renda, trabalho doméstico, trabalho fora de casa, família, amigos, lazer e auto-realização. Pressupõe-se, nesse modelo, que a satisfação com a qualidade de vida depende não somente do grau de satisfação ou insatisfação com cada domínio isoladamente, mas também da importância que esses domínios têm para o indivíduo em sua experiência de vida. Assim, um menor grau de satisfação naqueles domínios ou elementos mais importantes tende a contribuir para uma menor satisfação das unidades familiares com a qualidade de vida em geral, e vice-versa.

3.3. População e amostra

A população deste estudo é constituída de 514 mulheres, funcionárias da Universidade Federal de Viçosa (UFV), que foram distribuídas em diferentes níveis socioeconômicos, de acordo com suas categorias ocupacionais, definidas pela Diretoria de Recursos Humanos da UFV como: nível de apoio, intermediário e superior. A partir dessa população, obtida por meio de uma listagem fornecida por essa Diretoria, selecionou-se uma amostra de 20%, isto é, 103 mulheres. A partir daí, como pode ser evidenciado no Quadro 1, procurou-se estratificar a amostra segundo o nível socioeconômico ou ocupacional, buscando manter o mesmo percentual para cada nível.

Quadro 1 - População e amostra de acordo com o nível socioeconômico das mulheres contratadas pela UFV, Viçosa-MG, 2000

| Nível de Ocupação | População Total N^o | Total Amostrado N^o |
|--------------------------|--|--|
| Nível de Apoio | 58 | 12 |
| Nível Intermediário | 242 | 48 |
| Nível Superior | 214 | 43 |
| Total | 514 | 103 |

3.4. Forma de coleta dos dados

Para definir o perfil da mulher, suas condições de atividades laborais e domésticas, as estratégias de conciliação do tempo laboral e familiar e sua contribuição no desenvolvimento dos recursos familiares, fez-se a coleta dos dados, por meio de questionário pré-testado. Alguns questionários foram preenchidos por meio de entrevistas pessoais e outros foram deixados com as entrevistadas, após uma orientação para seu preenchimento, com posterior revisão pela pesquisadora e retorno em caso de dúvidas. A pesquisadora recebeu a colaboração de estagiárias, contratadas e treinadas para a condução dessas entrevistas.

3.5. Descrição e operacionalização das variáveis de análise

Tendo como base o modelo tridimensional do padrão de trabalho feminino, procurou-se caracterizar tanto as variáveis contínuas e discretas relativas às características pessoais, familiares e do “habitat” da mulher trabalhadora, como as condições de suas atividades e do próprio ambiente de trabalho, doméstico ou profissional. Além disto, procurou-se identificar aspectos relativos às estratégias de conciliação do tempo laboral e familiar e à qualidade de vida.

3.5.1. Características pessoais da mulher

As características pessoais da mulher, operacionalizadas de forma objetiva e subjetiva, foram baseadas nas seguintes variáveis:

- **Idade atual** – idade na data da entrevista.
- **Idade em que se integrou ao trabalho** – medida em número de anos.
- **Grau de escolaridade** – categorizado pelo nível de estudo, em termos de: nível fundamental incompleto, nível fundamental completo, nível médio completo, nível médio incompleto, nível superior completo, nível superior incompleto, mestrado, doutorado e pós-doutorado.
- **Tempo de residência** – medido pelo número de anos de residência em Viçosa, até a data da entrevista, visando identificar seu nível de integração social.
- **Naturalidade** – categorizada pelo local de procedência: se da própria cidade, se de outros municípios de Minas Gerais ou de outros Estados.
- **Estado civil** - dado pelas categorias: casada, separada/desquitada/divorciada e viúva.
- **Ocupação principal** – categorizada pela principal atividade nos níveis ocupacionais existentes na UFV: nível de apoio, nível intermediário e nível superior.
- **Anos de matrimônio/união** – número de anos de vida em conjunto.

- **Concepção de gênero** – a concepção de gênero foi operacionalizada dicotomicamente (sim/não), baseando-se nas seguintes perguntas, propostas por PAGE (1994): - Acha natural que homens e mulheres desempenhem diferentes tarefas? Acredita que a mulher deve ser responsável por fazer todos os trabalhos domésticos? As mulheres casadas devem participar da política e de assuntos comunitários? O marido deve ser o principal responsável pelas decisões familiares? A seu ver, quais das atividades a seguir são consideradas tipicamente femininas, e quais tipicamente masculinas: alimentação, cuidados com a casa, cuidados com os filhos, vestuário, pagamentos de contas, compras em supermercado, feira, consertos gerais, cuidados com veículos, cuidado com animais e responsabilidade com o lixo.
- **Modernismo individual** – cuja operacionalização baseou-se, dicotomicamente (sim/não), nas seguintes questões propostas por Inkeles, citado por EBOLI (1997): a realidade em que você vive propicia condições para nova aprendizagem? Está satisfeita com as condições de sua vida atual? Estabelece projetos pessoais e, ou, profissionais? Participa de alguma associação formal e informal? É uma pessoa participativa na luta pelos seus direitos? Considera-se independente? Preocupa-se com aspectos relativos ao lucro? Considera-se uma pessoa aberta para aceitar novas tecnologias e assumir novos negócios?
- **Autonomia da mulher** – medida por meio das seguintes perguntas: em quais situações de decisão você sente que tem menor controle? (no cotidiano familiar, na vida profissional ou na vida pessoal). Você tem liberdade no seu trabalho (profissional) de tomar decisões sozinhas? (sim/não). Organiza para si mesma, assim como para a empregada, as tarefas a serem realizadas nos dias de semana, em termos do tempo gasto e seqüenciamento das mesmas? Realiza tarefas simultaneamente?

3.5.2. Características familiares da mulher

Para o dimensionamento das características do perfil familiar da mulher trabalhadora, foram consideradas as variáveis a seguir:

- **Tamanho da família** – número de membros familiares residentes no domicílio.
- **Número de filhos** – número de filhos residentes no domicílio.
- **Ciclo de vida da família** – no estudo em questão, esta variável foi medida segundo as seguintes fases apresentadas por MONTALI (1990): formação (casal sem filhos ou com filhos menores de 14 anos), intermediária ou de maturação (casal que possui filhos adolescentes, maiores de 14 anos), dispersão (casal acima de 50 anos, com filhos adultos e parte deles fora de casa).
- **Tipo de família** – medido por meio das seguintes categorias: nuclear (pai, mãe e filhos); extensa (pai, mãe, filhos e outros parentes); **quebrada ou** monoparental (pai ou mãe, com filhos); e composta (pai, mãe, filhos e outros membros não-familiares).

3.5.3. Características do “habitat” familiar

Dos aspectos relativos ao “habitat” familiar ou do microambiente mais próximo à unidade familiar, foram considerados:

- **Local de residência** - caracterizado por: centro, condomínio, bairro residencial e bairro periférico.
- **Tempo gasto entre a casa e o trabalho** - medido pelo tempo médio em minutos.
- **Habitação** - operacionalizada pela condição de ocupação da moradia (cedida, alugada, própria) e pelo número de cômodos da residência.
- **Índice de utilização dos serviços comunitários** - operacionalizado pela razão entre a utilização dos serviços disponíveis e sua totalidade, registrada em termos de 13 serviços, mais comumente observados (casas comerciais, escolas, transporte, serviço telefônico, posto de saúde etc.).

3.5.4. Características do trabalho ou atividade da mulher

Com relação às características do trabalho feminino, procurou-se identificar a principal função realizada, seja no trabalho doméstico, seja no profissional, assim como o uso do tempo dedicado a ela.

Também, procurou-se identificar os motivos que levaram a mulher a trabalhar fora de casa, pressupondo que ela já exercia alguma atividade doméstica. Para delimitar o grau de dificuldades gerado pelo tipo de trabalho realizado, procurou-se identificar, junto às mulheres, quais eram as principais dificuldades encontradas na execução das suas tarefas, por meio das seguintes perguntas: quais são as principais dificuldades que você encontra na execução das tarefas caseiras? Quais são as principais dificuldades que você encontra para conseguir trabalhar fora?

No caso do padrão do trabalho doméstico, procurou-se categorizá-lo, tal como identificado no Quadro 1A, em função do tempo gasto nas atividades cotidianas da mulher, da frequência de sua execução, bem como das pessoas que colaboravam com a mulher no trabalho doméstico.

Outra variável identificadora das características do trabalho diz respeito à sua valorização (pago ou não pago), operacionalizada pelas perguntas: Se você pudesse pagar, quanto pagaria a outra pessoa para realizar todas as suas tarefas domésticas? Quanto cobraria para fazer todos os serviços caseiros?

3.5.5. Ambiente do trabalho doméstico e profissional da mulher

Em termos do ambiente de trabalho, procurou-se caracterizar as condições que asseguravam um exercício mais efetivo do trabalho feminino, tanto doméstico como profissional, buscando identificar o espaço de trabalho, a presença de equipamentos e serviços, a presença de riscos pelas atividades desempenhadas, o envolvimento de algum processo de aprendizagem e o nível de satisfação com o ambiente laboral.

Ambiente doméstico - para caracterizar o ambiente de trabalho doméstico buscou-se analisar, por meio de perguntas abertas e fechadas, os seguintes aspectos: possui empregada? Há alguma tarefa doméstica que não lhe agrada? Como faz quando não conta com os serviços de sua empregada doméstica ou quando surge algum imprevisto? Quais equipamentos domésticos você considera que facilitam seu trabalho? O desenho de sua cozinha e lavanderia facilita seu trabalho doméstico?

Ambiente profissional - este foi caracterizado por questões objetivas dicotomizadas (sim/não) e por perguntas subjetivas, como: acha que realiza atividades em excesso em seu ambiente de trabalho? Realiza atividades profissionais em casa? E nos fins de semana? Realiza alguma tarefa que não gosta no seu trabalho profissional? Dispõe de tempo para descansar no seu trabalho? Quanto tempo? Tem tido oportunidade de capacitação ou treinamento? Seu trabalho já lhe provocou alguma enfermidade? De que tipo? Você acha seu trabalho perigoso? Teve algum problema de saúde? Qual? Com o que você não está satisfeita no seu ambiente de trabalho? Qual seu nível de satisfação com respeito a seu próprio emprego, salário, colegas, proteção no trabalho, equipamentos e atividades desenvolvidas? Para esta última questão, as respostas foram distribuídas pelas categorias: insatisfeito, pouco satisfeito, satisfeito e muito satisfeito.

3.5.6. Estratégias de conciliação entre o trabalho familiar e o trabalho laboral

As estratégias foram caracterizadas pela pergunta aberta: quais estratégias você utiliza para conciliar seu tempo laboral com o tempo familiar?

3.5.7. Aspectos relacionados à qualidade de vida

Pressupondo que o padrão de organização do trabalho feminino e suas estratégias tenham como resultado esperado a melhoria da qualidade de vida, procurou-se avaliar alguns aspectos objetivos relativos à mesma, por meio das

perguntas mencionadas, operacionalizadas tanto de forma dicotômica (sim/não), como por meio de questões abertas. Além disto, procurou-se categorizar o grau de satisfação com a qualidade de vida, fazendo uso da seguinte escala: insatisfeito, pouco satisfeito, satisfeito e muito satisfeito.

Os componentes de qualidade de vida considerados foram assim dimensionados: a) Trabalho: Seu trabalho é valorizado? Você gosta do tipo de tarefa que realiza? Você acha que realiza bem seu trabalho? Seu trabalho ocupa muito tempo? Exige muitas atividades? Está satisfeita com o tempo dedicado ao trabalho familiar e ao trabalho profissional? Por quê?; b) Lazer: Está satisfeita com o seu tipo de lazer? Está satisfeita com seu tempo de lazer? Sente falta de um tempo livre para descansar e se divertir? Que tipo de lazer realiza junto com sua família? Possui tempo para dedicar a seus filhos? Como se dedica a seus filhos? Tem tempo livre para si mesma? Como o desfruta?; c) Educação: Se pudesse, gostaria de estudar mais? Está satisfeita com o seu nível de estudo?; d) Transporte: Você utiliza ônibus? Os ônibus atendem às suas necessidades em relação ao seu tempo e horário? Considera o tipo de transporte de sua comunidade suficiente? Está satisfeita com o serviço de transporte e o esquema de trânsito?; e) Família: Você se sente compreendida e apoiada por sua família? Está satisfeita com o relacionamento com seus familiares? O que te aborrece no ambiente familiar?; f) Saúde: Desfruta de boa saúde e se sente com energia suficiente para enfrentar o dia-a-dia? Que tipo de problema de saúde você teve no último ano? Tem algum plano de saúde?; g) Amizade: Considera que tem boas amizades? Está satisfeita com os amigos que possui? Compartilha intimidades e problemas com seus amigos? Seus amigos são mais da família ou de fora da família?; h) Segurança Financeira: Possui renda suficiente para atender às necessidades básicas? E aos imprevistos? Necessita de mais dinheiro para seus gastos habituais? Qual é seu nível de satisfação em termos da renda disponível?; i) Moradia: Gostaria de ter outro tipo de casa? Tem problema de convivência com seus vizinhos? Está satisfeita com as condições de sua casa?; j) Psicológico ou bem-estar consigo mesma: Você se sente sozinha? Está satisfeita com a maneira como está desenvolvendo sua vida, seu trabalho e com

sua forma de ser? Considera que deveria mudar em algum aspecto? Qual aspecto?; e l) Segurança física: Sente medo de sair sozinha? Já foi vítima de violência física ou verbal? Sente-se satisfeita com os serviços de segurança existentes em sua cidade?

3.6. Procedimentos estatísticos

Para efetuar a análise dos dados, foram utilizados os seguintes procedimentos estatísticos:

- **Análise estatística descritiva:** para caracterizar o perfil da mulher e de sua família, assim como as condições e o ambiente de trabalho, foram calculadas médias e frequências simples e cruzada.
- **Análise de correlação:** para analisar o nível de associação entre a presença da dupla jornada de trabalho e as variáveis do modelo tridimensional do trabalho feminino, foram considerados: características pessoais (escolaridade, autonomia em relação aos cuidados com a casa, satisfação com a maneira que vem desenvolvendo sua vida e tipo de ocupação), aspectos familiares (número de filhos e renda familiar), ambiente de trabalho (presença de empregada doméstica, enfermidade causada pelo excesso de trabalho, satisfação com o tempo dedicado à família e existência de colaboração dos membros familiares na execução dos serviços domésticos) e condições de sua vida, (satisfação total com a qualidade de vida). Para tanto, de acordo com LEVIN (1987), essas variáveis foram categorizadas de forma ordinal, tendo sido utilizado o coeficiente de correlação de Spearman para determinar a força e o sentido da relação entre elas.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a apresentação dos resultados, procurou-se discutir os aspectos relativos ao perfil das mulheres entrevistadas e de suas respectivas famílias; as condições de seu “habitat” familiar; o padrão de organização do trabalho feminino, em termos das atividades realizadas e do ambiente de trabalho; as estratégias de conciliação entre o trabalho familiar e o profissional; e seus efeitos sobre diferentes domínios de qualidade de vida. Posteriormente, buscou-se analisar o nível de associação entre os diferentes fatores, que são estatisticamente explicativos da dupla jornada de trabalho. Para tanto, fez-se uso da correlação de Spearman, sendo tais fatores comprovados descritivamente por frequências cruzadas, de acordo com os dados amostrais.

4.1. Características pessoais das mulheres

A análise geral das características pessoais da mulher, conforme pode ser observado no Quadro 2, mostrou que a maioria delas (70,8%) tinha idade entre 35 e 49 anos, prevalecendo a média de 41 anos, independente do nível socioeconômico. Os dados também evidenciaram que a idade média com que elas haviam integrado ao trabalho fora de casa foi 21 anos, não ocorrendo uma

diferenciação significativa entre os três níveis ocupacionais pesquisados, no que se refere a esse aspecto.

Quanto ao grau de instrução das mulheres, constatou-se o predomínio de mulheres (43,7%) com nível superior completo. Aqui a variação entre os três diferentes níveis ocupacionais componentes da amostra foi significativa, ou seja, mais da metade das mulheres pertencentes ao nível de apoio possuía apenas o nível fundamental incompleto, enquanto no nível intermediário predominaram aquelas que haviam conseguido concluir o nível médio completo (43,7%), seguidas de 35,4% com o nível superior completo. Verificou-se que mais da metade das mulheres que exerciam funções de nível superior possuía o nível superior completo (65,1%), seguidas de 16,3% com mestrado e 16,3% com doutorado. Assim, os resultados evidenciam que, cada vez mais, as mulheres vêm buscando um maior nível de escolaridade, a fim de obter uma melhor colocação no mercado de trabalho e, conseqüentemente, melhorar seu padrão de vida. MORAIS e ARAUJO (2000) também constataram que o nível de escolaridade das mulheres ocupadas no País vem aumentando, ou seja, eles afirmam que de acordo com o PNAD pôde-se constatar que, em 1999, o percentual de mulheres com pelo menos o 2^o grau concluído era de 30,4%, contra uma taxa de 21,2% para os homens.

No que se refere à naturalidade das mulheres, mais da metade era de Viçosa (52,5%), sendo 35,6% de outras cidades de Minas Gerais e 11,9% de outros Estados; não foi observado, neste aspecto, nenhuma relação imediata com o nível socioeconômico das mulheres integrantes da amostra. Quanto ao estado civil, 85,4% das mulheres entrevistadas eram casadas, 12,6% separadas e, ou, divorciadas, devendo-se ressaltar que as casadas possuíam, em média, 15 anos de união, independente do nível ocupacional.

Quadro 2 - Características pessoais das mulheres contratadas pela UFV, Viçosa-MG, 2000

| Características Pessoais da Mulher | Unid. | Nível Ocupacional | | | |
|---|-------|-------------------|-------|---------------|----------|
| | | Geral | Apoio | Intermediário | Superior |
| Idade | | | | | |
| Até 34 anos | % | 16,6 | 16,7 | 16,7 | 16,3 |
| De 35 a 49 anos | % | 70,8 | 58,3 | 73,0 | 72,1 |
| Acima de 50 anos | % | 12,6 | 25,0 | 10,3 | 11,6 |
| Idade média que se integrou ao trabalho fora de casa | Anos | 21,0 | 20,1 | 21,3 | 22,2 |
| Escolaridade | | | | | |
| Nível Fundamental Incompleto | % | 7,8 | 58,3 | 2,1 | - |
| Nível Fundamental Completo | % | 2,9 | - | 6,3 | - |
| Nível Médio Completo | % | 23,3 | 25,0 | 43,7 | - |
| Nível Médio Incompleto | % | 4,8 | 16,7 | 6,3 | - |
| Nível Superior Completo | % | 43,7 | - | 35,4 | 65,1 |
| Nível Superior Incompleto | % | 1,9 | - | 4,1 | - |
| Mestrado | % | 7,8 | - | 2,1 | 16,3 |
| Doutorado | % | 6,8 | - | - | 16,3 |
| Pós-Doutorado | % | 1,0 | - | - | 2,3 |
| Naturalidade | | | | | |
| Viçosa | % | 52,5 | 66,7 | 72,4 | 26,2 |
| Outra Cidade MG | % | 35,6 | 33,3 | 25,5 | 47,6 |
| Outro Estado | % | 11,9 | - | 2,1 | 26,2 |
| Estado Civil | | | | | |
| Casada | % | 85,4 | 83,3 | 85,4 | 86,0 |
| Separada/divorciada | % | 12,6 | 8,4 | 12,5 | 14,0 |
| Viúva | % | 2,0 | 8,3 | 2,1 | - |
| Média de duração da união matrimonial | Anos | 15,0 | 18,4 | 14,2 | 15,0 |

Os resultados referentes à concepção de gênero das mulheres entrevistadas mostraram, conforme Quadro 3, que 96,2% das mulheres acreditavam ser “natural” que homens e mulheres desempenhassem múltiplas ocupações, existindo apenas 3,8% das entrevistadas que acreditavam ser de total obrigação da mulher a execução das tarefas domésticas. Pode-se concluir que, na percepção das mulheres, não deveria ocorrer segregação de tarefas, pois elas poderiam ser divididas com os demais membros da família.

Quadro 3 - Componentes indicativos da concepção de gênero pelas mulheres contratadas pela UFV, Viçosa-MG, 2000

| Respostas Afirmativas | Nível de Ocupação (%) | | | |
|--|-----------------------|-------|---------------|----------|
| | Geral | Apoio | Intermediário | Superior |
| Acha natural que homens e mulheres desempenhem diferentes tarefas | 96,2 | 91,7 | 95,8 | 97,7 |
| Acredita que a mulher deve ser responsável por fazer todos os serviços domésticos | 3,8 | 8,3 | 6,2 | - |
| Acha que as mulheres casadas devem participar da política e de assuntos comunitários | 97,1 | 91,7 | 95,9 | 100 |
| O marido deve ser o principal responsável pelas decisões familiares | 3,9 | - | 4,2 | 4,6 |

Observou-se que, do total de entrevistadas, 97,1% consideravam que as mulheres casadas deveriam participar da política e também de assuntos comunitários. Além disso, apenas 3,9% consideravam que o marido deveria ser o principal responsável pelas decisões familiares. Diante de tais resultados, pode-se inferir que, de modo geral, as mulheres preferem compartilhar decisões familiares, assim como dividir as tarefas domésticas com os demais membros da família.

Em relação à percepção das mulheres quanto às questões de gênero, foi também indagado a elas se determinadas atividades (alimentação, cuidados com a casa, cuidados com os filhos, vestuário, pagamentos de contas, compras em supermercado e feira, consertos gerais, cuidados com veículos, cuidado com animais e responsabilidade com o lixo) seriam consideradas tipicamente

femininas ou masculinas. Observou-se que, independente do nível ocupacional, mais da metade das mulheres considerava ser de responsabilidade tanto feminina como masculina as seguintes atividades: alimentação ou fazer comida (68,0%), cuidados com a casa (61,1%), cuidado com os filhos (87,4%), pagamentos de contas (77,4%), compras em supermercados e feira (78,6%), cuidados com animais (66,0%) e responsabilidade com o lixo (75,7%). Constatou-se que somente a atividade “vestuário” foi considerada como tipicamente feminina pela maioria das entrevistadas (55,3%). Foram consideradas atividades de responsabilidade essencialmente masculina as tarefas relativas a: consertos gerais (51,4%) e cuidados com veículos (53,4%). Diante destes resultados, observou-se que, de modo geral, as mulheres concebiam que as atividades deveriam ser partilhadas, pois de um total de 11 tipos de atividades listadas somente três, ou seja, 27,2%, deveriam ser específicas de um determinado sexo. De acordo com CUSCHNIR (1992), no momento em que se propõe maior divisão de responsabilidades do lar, o homem tem um modo diferente de administrar, e os dois precisam se somar, exercendo funções não-diferenciadas por sexo, para estabelecer realmente uma vida em comum.

Quanto à tendência ao modernismo da mulher, constatou-se, pelo Quadro 4, que essa foi evidenciada por uma série de aspectos, sejam eles culturais, sociais, econômicos, tecnológicos, administrativos e políticos.

Observou-se que a realidade vivenciada pela mulher no seu trabalho profissional tem propiciado a mais de 75% delas (do nível intermediário e superior) condições para novas aprendizagens, fato não comprovado entre as mulheres do nível de apoio, já que apenas 33,3% delas afirmaram ter tido alguma oportunidade de realizar treinamentos, para maior aprimoramento. A maioria das mulheres (83,5%) sentia-se, de modo geral, satisfeita com as suas condições de vidas, sendo o mais elevado índice de satisfação registrado entre as mulheres do nível superior (93,0%), para as quais as oportunidades de capacitação eram maiores que nos outros extratos da amostra.

Quadro 4 - Relação dos aspectos relativos à tendência ao modernismo das mulheres contratadas pela UFV, Viçosa-MG, 2000

| Componentes do Modernismo Individual (Sim) | Níveis de Ocupação (%) | | | |
|---|-------------------------------|-------|---------------|----------|
| | Geral | Apoio | Intermediário | Superior |
| A realidade em que você vive propicia condições para novas aprendizagens? | 78,7 | 33,3 | 75,0 | 75,3 |
| Está satisfeita com as condições de sua vida? | 83,5 | 66,7 | 79,1 | 93,0 |
| Estabelece projetos pessoais e, ou, profissionais? | 87,3 | 91,7 | 79,1 | 95,3 |
| Você se considera independente? | 86,4 | 91,7 | 83,3 | 88,4 |
| Você se considera uma pessoa aberta para aceitar novas tecnologias? | 98,0 | 100,0 | 100,0 | 95,3 |
| Considera-se aberta para assumir novos negócios? | 90,3 | 100,0 | 91,7 | 86,0 |
| Você se preocupa com aspectos de seu trabalho relativos ao lucro? | 73,8 | 58,3 | 68,8 | 83,7 |
| Você é uma pessoa participativa na luta pelos seus direitos? | 68,0 | 75,0 | 62,5 | 74,5 |
| Participa de alguma associação formal ou informal? | 43,9 | 16,6 | 35,4 | 60,5 |

Observou-se, também, que a maior parte das mulheres (87,3%) estabelecia projetos pessoais e, ou, profissionais para suas vidas. Neste grupo estão 95,3% das mulheres do nível superior, entre as quais 88,4% consideravam-se independentes, 95,3% abertas para aceitar novas tecnologias e 86% se acham prontas para assumir novos negócios. Do grupo entrevistado, 73,8% declararam-se preocupadas com aspectos relativos ao lucro; opinião que foi demonstrada por 83,7% de participantes do grupo de nível superior. É interessante ressaltar que as mulheres dos níveis de apoio e intermediário eram mais receptivas a aceitar novas tecnologias, como também a assumir novos negócios, o que poderia ser explicado pela maior necessidade de fontes alternativas de renda desses dois extratos. Do total das mulheres, 68% consideravam-se participativas na luta pelos seus direitos, embora pouco menos da metade (43,9%) participava de associações formais e informais. Dentre os três extratos pesquisados, as mulheres do nível de apoio foram aquelas que apresentaram o menor índice de participação (16,6%). Estes resultados indicam que, em termos gerais, as mulheres trabalhadoras da UFV percebem-se como possuidoras de um conjunto de qualidades, indicadoras de uma maior tendência ao modernismo individual.

Outro aspecto analisado, referente às características da mulher, está relacionado à sua atitude quanto ao processo de tomada de decisão, ou ao seu

grau de autonomia em diferentes situações que cercam sua vida. Para a amostra em geral, no que se refere ao menor controle da mulher em situações de decisão, os dados apresentados no Quadro 5 revelaram uma maior incidência (50%) de situações relativas ao seu cotidiano familiar. Já os outros itens, ou seja, vida profissional e pessoal, atingiram percentuais equivalentes a 29,6 e 20,4%, respectivamente. Pode-se considerar que esses dados revelam uma relação entre a extensão da jornada diária de trabalho (tempo dedicado ao trabalho profissional) e o grau de autonomia /capacidade de decisão. Por exemplo, especificamente com relação às mulheres do nível de apoio, observou-se que 66,7% declararam ter menor controle sobre seu cotidiano familiar, provavelmente por passarem a maior parte do seu tempo no trabalho da UFV e por grande parte delas não contar com a presença de uma empregada doméstica, ficando assim com os serviços acumulados. No que diz respeito às mulheres dos níveis intermediário e superior, observou-se que elas também têm poder menor de decisão em seus cotidianos familiares, ainda que em percentuais inferiores aos das mulheres do nível de apoio, uma vez que possuem um rendimento que lhes permite delegar as tarefas caseiras para uma outra mulher – a empregada doméstica. Tal situação, além de diminuir o grau de autonomia das mulheres no cotidiano da família e comprometer o processo de tomada de decisão, tende a gerar problemas de controle no dia-a-dia das famílias das prestadoras de serviços domésticos.

Quadro 5 - Relação das situações em que a mulher contratada pela UFV possui menor autonomia ou controle na tomada de decisões, Viçosa-MG, 2000

| Situações Afirmativas de Menor Controle | Nível Ocupacional (%) | | | |
|--|------------------------------|--------------|----------------------|-----------------|
| | Geral | Apoio | Intermediário | Superior |
| Cotidiano Familiar | 50,0 | 66,7 | 45,0 | 50,0 |
| Vida Profissional | 29,6 | 25,0 | 30,0 | 33,3 |
| Vida Pessoal | 20,4 | 8,3 | 25,0 | 16,7 |

Os resultados mostraram que, para todas as mulheres, independente do nível socioeconômico, o cotidiano familiar é mais difícil de ser controlado do que a vida pessoal e profissional. A ocorrência de tal situação, provavelmente, se dá em função da complexidade em se realizar uma multiplicidade de papéis dentro e fora de casa, configurando um conflito permanente na divisão do tempo da mulher e sua atenção com a família. No conjunto das mulheres entrevistadas, 61,2% têm liberdade de tomar decisões no seu trabalho profissional e 71,9% costumam organizar suas tarefas domésticas e pessoais nos dias de semana, levando em consideração o tempo gasto para sua realização e o seu padrão enquanto em relação às suas empregadas apenas 46,6% das respondentes disseram ter o hábito de planejar as tarefas que deverão ser executadas por elas. Por último, a própria extensão da jornada de trabalho profissional, além de delimitar ou esquematizar o modo de vida feminino, fez com que 72,8% das entrevistadas tivessem que realizar tarefas simultâneas, principalmente no âmbito doméstico.

4.2. Características familiares

O universo das entrevistadas pode ser mais bem visualizado no Quadro 6, no qual está a caracterização do perfil familiar. No contexto geral, independente do nível socioeconômico, a maioria das famílias entrevistadas (60,2%) era composta de três a quatro membros residentes no domicílio, com um tamanho médio de 3,6 membros. Cada família possuía, na maioria dos casos, até dois filhos morando em casa. Esses dados estão de acordo com aqueles em nível nacional, levantados pela PNAD (1999), que mostram que o tamanho médio da família vem declinando lentamente, passando de 3,9 membros em 1989 para 3,4 em 1999, declínio este influenciado principalmente pela diminuição progressiva do número médio de filhos por mulher. Portanto, os resultados demonstraram, pelo número de filhos, uma mudança no perfil da família, comparada com as do passado, geralmente possuidoras de uma maior prole. Essas modificações podem ser explicadas pela influência das transformações ocasionadas principalmente

pelo processo de modernização, pelo maior nível de escolaridade da mulher e seu crescente ingresso no mercado de trabalho, assim como pelas sucessivas crises econômicas do País, o que tem determinado uma queda das taxas de fecundidade.

Dentre as mulheres entrevistadas, observou-se que 9,8% não possuíam filhos, 65,0% tinham de um a dois filhos e 25,2% tinham três filhos residentes em casa. Quanto à faixa etária dos filhos, constatou-se que, no geral e independente do nível socioeconômico, 29,4% dos filhos das entrevistadas tinham até nove anos e 29,8% variavam de dez a 14 anos, o que demonstra uma situação de maior dependência econômica dos filhos; 18,8% das famílias tinham filhos de 15 a 17 anos e em 22,0% delas eles estavam com idade superior a 18 anos.

De acordo com essas faixas etárias pode-se evidenciar um predomínio da etapa de “maturação” do ciclo de vida familiar (70,9%), identificado nos três níveis ocupacionais, sem maiores variações. Apenas no estrato amostral relativo ao nível de apoio verificou-se um percentual mais expressivo de mulheres na etapa do ciclo denominada “dispersão” (25%), envolvendo aquelas mulheres com idade acima de 50 anos, com a maioria dos filhos adultos já residindo fora de casa.

O tipo de família predominante no grupo pesquisado foi a família nuclear (78,6%), composta de pai mãe e filhos, seguido pelas famílias quebradas (13,6%), que possuem apenas um cônjuge. Foram pouco significativos os percentuais de famílias extensas, com pai, mãe, filhos e outros parentes (5,8%), assim como das famílias compostas, que seriam as nucleares mais a presença de outros membros não-familiares (2,0%).

Quadro 6 – Perfil familiar das mulheres contratadas pela UFV, Viçosa-MG, 2000

| Características Familiares | Unid. | Nível Ocupacional | | | |
|--|-------|-------------------|-------|---------------|----------|
| | | Geral | Apoio | Intermediário | Superior |
| Tamanho médio da família | | 3,6 | 3,9 | 3,7 | 3,4 |
| Número de Pessoas Residentes | | | | | |
| Até 2 | % | 17,5 | 16,7 | 16,7 | 18,6 |
| De 3 a 4 | % | 60,2 | 58,3 | 56,2 | 65,1 |
| De 5 a 6 | % | 22,3 | 25,0 | 27,1 | 16,3 |
| Número de filhos residentes | | | | | |
| Nenhum | % | 9,8 | 8,3 | 12,5 | 7,0 |
| Até 2 | % | 65,0 | 60,0 | 52,1 | 76,7 |
| 3 | % | 25,2 | 16,7 | 35,4 | 16,3 |
| Faixa etária dos filhos | | | | | |
| Até 9 anos | % | 29,4 | 28,6 | 25,3 | 35,7 |
| De 10 a 14 anos | % | 29,8 | 19,0 | 30,8 | 31,4 |
| De 15 a 17 anos | % | 18,8 | 19,0 | 20,9 | 15,7 |
| Acima de 18 anos | % | 22,0 | 33,4 | 23,0 | 17,2 |
| Tipo de família | | | | | |
| Nuclear | % | 78,6 | 75,0 | 77,1 | 81,4 |
| Extensa | % | 5,8 | 8,4 | 6,2 | 4,7 |
| Quebrada | % | 13,6 | 8,3 | 16,7 | 11,6 |
| Composta | % | 2,0 | 8,3 | - | 2,3 |
| Ciclo de vida | | | | | |
| Formação | % | 16,5 | 16,7 | 16,7 | 16,3 |
| Maturação | % | 70,9 | 58,3 | 72,9 | 72,1 |
| Dispersão | % | 12,6 | 25,0 | 10,4 | 11,6 |
| Idade do marido | | | | | |
| Até 34 anos | % | 13,7 | 16,7 | 13,9 | 14,7 |
| De 35 a 49 anos | % | 63,8 | 50,0 | 66,7 | 64,7 |
| Acima de 50 anos | % | 22,5 | 33,3 | 19,4 | 20,6 |
| Média de escolaridade dos filhos | Anos | 6,6 | 6,8 | 6,9 | 6,2 |
| Renda média familiar | R\$ | 2235,7 | 961,6 | 1592,0 | 3594,0 |
| Renda média familiar “per capita” | R\$ | 698,0 | 295,7 | 462,8 | 1172,0 |
| Renda média pessoal | | | | | |
| Mulher | R\$ | 1187,0 | 494,0 | 849,7 | 1771,1 |
| Homem | R\$ | 1400,0 | 634,0 | 1015,4 | 2114,7 |

Com relação ao perfil dos demais membros familiares, pode-se constatar que a faixa etária dos maridos variou de 35 a 49 anos, sendo a média de 43 anos. Quanto ao seu nível de instrução, observou-se que a maioria possuía nível superior completo (34,5%), seguido pelo nível médio completo (26,2%). No entanto, quando considerados os níveis ocupacionais das mulheres, verificou-se uma diferenciação nos dados, pois os maridos das mulheres do nível de apoio, em sua grande maioria, possuíam apenas o nível fundamental incompleto (75,0%). Já os maridos das mulheres do nível intermediário se localizaram prioritariamente no nível médio completo (42,1%), enquanto mais da metade dos cônjuges das mulheres do nível superior tinham o nível superior completo (58,3%). No que se refere à ocupação principal dos maridos, as principais respostas foram: 26,1% eram professores; 10,1% assistentes ou auxiliares de administração, 14,5% comerciantes, 13,1% trabalhavam com serviços de programação e, ou, laboratório, 27,5% faziam serviços gerais (carpinteiro, pedreiro, barbeiro, serralheiro, etc) e 8,7% eram profissionais liberais (médicos e dentistas). O grau de instrução, tanto da mulher como do cônjuge, provavelmente influenciou o nível médio de escolaridade dos filhos, que ficou em torno de 6,6 anos de estudo.

Outra característica analisada no perfil familiar diz respeito à renda média familiar, que, de modo geral, variou de R\$ 478,00 a R\$ 9365,00, com uma média de R\$ 2235,7. A renda média da mulher revelou ser inferior à do homem em todos os níveis ocupacionais, recebendo a mulher do nível de apoio, em média, R\$494,40, enquanto as mulheres do nível intermediário recebiam R\$ 849,70 e as de nível superior ganhavam, em média, R\$ 1.771,00. A diferença desses níveis de renda do segmento feminino em relação ao masculino variou de 16,2 (nível superior) a 22,04% (nível de apoio), o que pode ser indicativo do tipo de atividade exercida. No que concerne a esse aspecto, os dados da PNAD, citados por MORAIS e ARAUJO (2000), mostraram que, em nível nacional, os homens continuam ganhando mais, embora essa diferença tenha caído consideravelmente nos anos de estabilidade econômica. Em 1993, as mulheres recebiam o equivalente a apenas 49,4% do ganho dos homens, enquanto em 1999

este valor correspondia a 60,7%. No período analisado, o salário dos trabalhadores do sexo masculino passou de R\$ 447,00 para R\$ 534,00, enquanto o das mulheres passou de R\$ 226,00 para R\$ 324,00. Comparando os resultados dessa pesquisa nacional com os dados do estudo em questão, pode-se constatar que as mulheres entrevistadas estão ganhando mais do que a média das trabalhadoras em nível nacional, o que pode ser justificado tanto pelo seu grau de escolaridade, como pelas ocupações exercidas em uma instituição de ensino superior.

A renda média familiar, equivalente a 16,4 salários mínimos (S.M.) da época da entrevista, mostra ser superior à renda média familiar brasileira, que foi equivalente, segundo TOLEDO (1998), a R\$ 907,00, isto é 6,7 S.M. Essa superioridade da média da renda das entrevistadas em relação à média do País pode ser justificada pelo tipo de população estudada, pelo tipo de ocupação e pelo grau de escolaridade dessas mulheres. O nível de renda “per capita”, indicativo da vulnerabilidade familiar, foi de R\$ 698,00 (5,1 S.M.), variando entre os níveis ocupacionais, sendo de 2,1; 3,4; e 8,6 S.M., para os níveis de apoio, intermediário e superior, respectivamente. Tal resultado mostra a precariedade do trabalho feminino, em termos de rendimento, basicamente das mulheres pertencentes ao nível de apoio.

4.3. Características do “habitat” familiar”

Os dados do Quadro 7 mostraram que, em geral, 44,1% das entrevistadas moravam em bairro residencial, predominando as mulheres do nível superior (47,6%). O número médio dos cômodos das moradias foi de 9,7, sendo esta média, no caso das mulheres do nível superior, bem mais elevada (11,0). Houve predomínio de mulheres residentes em casas próprias, independente do nível ocupacional, embora suas localizações (bairros) fossem bastante diferenciadas, o que influenciou o tempo médio gasto pelas mulheres para locomoverem de suas residências ao local de trabalho. O grupo das mulheres do nível de apoio foi o que apresentou o tempo médio mais elevado (34,6 minutos), pelo fato de metade

delas residir em bairros periféricos, o que pode estar, também, interferindo na maior intensidade da dupla jornada de trabalho desse grupo. As mulheres dos níveis intermediário e superior, que moravam predominantemente em bairros residenciais, gastavam em média 25,0 e 14,5 minutos, respectivamente. Quanto aos serviços comunitários utilizados, constatou-se que os índices variaram de 0,08 a 0,84, com uma média de 0,41, indicando que, mesmo a maioria dos serviços estando disponíveis, apenas 41,0% eram utilizados pelas mulheres, o que pode estar evidenciando baixo nível de satisfação em relação a eles.

Quadro 7 - Aspectos do “habitat” familiar das mulheres contratadas pela UFV, Viçosa-MG, 2000

| Componentes | Unid. | Nível Ocupacional | | | |
|--|----------------|-------------------|-------|---------------|----------|
| | | Geral | Apoio | Intermediário | Superior |
| Local de residência | | | | | |
| Centro | % | 27,4 | 8,3 | 35,4 | 23,8 |
| Condomínio | % | 5,9 | - | 4,1 | 9,5 |
| Bairro residencial | % | 44,1 | 41,7 | 41,7 | 47,6 |
| Bairro periférico | % | 22,5 | 50,0 | 18,8 | 19,1 |
| Número de cômodos | N ^o | 9,7 | 7,0 | 9,2 | 11,0 |
| Tipo de habitação | | | | | |
| Cedida | % | 8,7 | 25,0 | 6,2 | 7,3 |
| Alugada | % | 9,9 | 8,3 | 8,3 | 12,1 |
| Própria | % | 81,2 | 66,7 | 85,5 | 80,5 |
| Tempo médio entre casa e trabalho | Minut. | 22,3 | 34,6 | 25,0 | 14,5 |
| Índice médio de util. de serv. Comunitários | N ^o | 0,41 | 0,44 | 0,40 | 0,41 |

4.4. Características do trabalho da mulher

As características das tarefas realizadas pelas mulheres entrevistadas foram analisadas em termos da especificação das principais atividades desenvolvidas, tanto no âmbito doméstico quanto profissional, como também em termos dos motivos e das dificuldades para o exercício do trabalho, do padrão das atividades e de sua valorização.

Observou-se que a principal ocupação realizada fora de casa pelas mulheres entrevistadas foi, de modo geral, a de auxiliar administrativo ou

assistente administrativo (44,9%), embora essa ocupação tenha sido registrada de forma bastante diferenciada, dependendo do nível ocupacional. Em outras palavras, a grande maioria das mulheres do nível de apoio tinha como principal atividade/ocupação a de servente de limpeza (83,3%); as mulheres do nível intermediário se situavam principalmente nos serviços de auxiliar administrativo (secretárias, assistente de administração etc.), cujo total atingiu 83,3%; e, por fim, as mulheres do nível superior eram, na maioria (55,3%), professoras dos diversos departamentos da Universidade Federal de Viçosa.

Os dados do Quadro 8 mostraram que, para 37% das mulheres, os motivos que as levaram a trabalhar fora de casa foram a realização profissional e pessoal e a independência financeira. Tais alternativas foram apontadas por 55,8% das mulheres do nível superior. Mais da metade das mulheres do nível de apoio (58,3%) apontou a necessidade financeira como principal e único motivo para trabalhar fora de casa, enquanto 45,8% das mulheres do nível intermediário associaram a realização pessoal/profissional às necessidades financeiras.

Quadro 8 - Principais motivos para trabalhar fora, relatado pelas mulheres contratadas pela UFV, Viçosa-MG, 2000

| Principais Motivos | Nível Ocupacional (%) | | | |
|---|-----------------------|-------|---------------|----------|
| | Geral | Apoio | Intermediário | Superior |
| Realização profissional/pessoal e independência | 37,0 | 16,7 | 25,0 | 55,8 |
| Necessidade financeira | 23,3 | 58,3 | 22,9 | 13,9 |
| Realização pessoal/profissional e nec. financeira | 34,9 | 25,0 | 45,8 | 25,7 |
| Não respondeu | 4,8 | - | 6,3 | 4,6 |

No Quadro 9 estão listadas as principais dificuldades apresentadas pelas mulheres na execução das tarefas caseiras. A falta de tempo foi o item que obteve maior índice (44,3%). O segundo item mais apontado (21,7%) foi aquele relativo ao fato de as mulheres considerarem as tarefas domésticas como rotineiras e cansativas, principalmente para as do nível intermediário e superior. É importante ressaltar que cerca de um terço das mulheres entrevistadas declarou não ter dificuldades nesse tipo de serviços, destacando-se as do nível de apoio,

pois mais da metade delas (54,5%) declarou não encontrar dificuldades na execução das tarefas domésticas, possivelmente pelo fato de já possuírem maior domínio sobre essas atividades.

Quadro 9 - Relação das principais dificuldades consideradas pelas mulheres na execução das tarefas domésticas, Viçosa-MG, 2000

| Principais Dificuldades | Nível Ocupacional (%) | | | |
|--|-----------------------|-------|---------------|----------|
| | Geral | Apoio | Intermediário | Superior |
| Falta de tempo | 44,3 | 27,3 | 42,5 | 51,3 |
| Falta de colaboração e manutenção do serviço realizado | 5,2 | 9,1 | 6,4 | 2,6 |
| Tarefas cansativas e rotineiras | 21,7 | 9,1 | 29,8 | 15,4 |
| Nenhuma dificuldade encontrada | 28,8 | 54,5 | 21,3 | 30,7 |

Em relação ao trabalho fora de casa, nas opções indicadas no Quadro 10, observou-se que a maioria das mulheres afirmou não encontrar dificuldades na realização das atividades profissionais. Dentre as que apontaram algumas dificuldades, 25,9% indicaram o pouco tempo para ficar com os filhos, que foi menos relevante no grupo de mulheres com funções de nível superior (17,2%), uma vez que nos outros níveis ocupacionais este valor foi superior a 30%.

Quadro 10 - Relação das principais dificuldades apresentadas pelas mulheres para trabalhar fora de casa, Viçosa-MG, 2000

| Principais Dificuldades | Nível Ocupacional (%) | | | |
|--|-----------------------|-------|---------------|----------|
| | Geral | Apoio | Intermediário | Superior |
| Encontrar uma boa empregada doméstica | 10,1 | 8,3 | 9,5 | 11,4 |
| Pouco tempo para ficar com os filhos | 25,9 | 33,4 | 31,0 | 17,2 |
| Administrar e conciliar o tempo disponível | 20,2 | 8,3 | 16,7 | 28,6 |
| Falta de transporte próprio | 5,6 | 16,7 | 4,7 | 2,8 |
| Nenhuma dificuldade | 38,2 | 33,3 | 38,1 | 40,0 |

Tal resultado pode ser indicativo de que as mulheres do nível superior possuem uma melhor estrutura em termos de serviços institucionais (creches) e pessoal (empregada doméstica) para o cuidado com os filhos, ou seja, como têm condições de contar com esses recursos, não consideram esse fator como o mais relevante dentre as dificuldades encontradas para trabalhar fora. Entretanto, no que se refere à administração do tempo, as mulheres do nível superior foram exatamente as que apresentaram maiores dificuldades (28,6%), ou seja, observou-se que para as mulheres dos níveis de apoio e intermediário as maiores dificuldades para trabalhar fora estavam relacionadas a aspectos familiares (pouco tempo para ficar com os filhos), enquanto para as do nível superior as maiores dificuldades referiam-se à própria administração do tempo, exatamente pelo excesso das atividades relacionadas ao trabalho profissional. Outro fator determinante para essa falta de tempo das mulheres do nível superior pode também estar relacionado com a sua participação em redes sociais (associações formais e informais), destacado por 60,5% delas, o que exige ainda mais do escasso tempo disponível.

Estudos clássicos sobre o uso do tempo são minuciosos no levantamento das atividades relacionadas pelos indivíduos durante 24 horas do dia ou durante a semana, como forma de inferir sobre os padrões de organização domiciliar e suas respostas na alocação do tempo de diferentes membros da família em atividades produtivas, reprodutivas e lazer, em várias diferentes regiões e culturas. O aumento no tempo dispensado ao trabalho implica, por exemplo, a redução de horas dedicadas a outras atividades importantes, como lazer, cuidado com as crianças e maior investimento em educação (IBGE, 1999).

Dentro desse contexto, para verificar o uso do tempo feminino no seu dia-a-dia, ou seja, seu padrão do trabalho, utilizou-se o enfoque sociológico proposto por CEBOTAREV (1994), que busca identificar o padrão do trabalho feminino. A autora procurou determinar como está organizado o tempo de trabalho da mulher e o número, o tipo, a intensidade e o seqüenciamento de suas atividades, com a finalidade de verificar a divisão do trabalho familiar, que depende das características específicas de cada unidade doméstica. Procurou-se,

então, identificar o tempo e o período em que se desenvolviam as atividades domésticas, sua frequência (sempre, duas a três vezes na semana, nunca, fins de semana), assim como a existência, ou não, da colaboração de outras pessoas no trabalho da mulher (marido, filho e filha menores e maiores de 14 anos, além da empregada doméstica), na execução das tarefas. Em função do relato do dia-a-dia da mulher trabalhadora, podem ser constatados os períodos de execução das tarefas femininas, seu desempenho nas atividades e as possíveis facilidades recebidas, tanto humanas como físicas.

Considerando o dia-a-dia da mulher, no que se refere ao trabalho doméstico de modo geral, sem que sejam consideradas as diferenças entre os níveis ocupacionais, observou-se, como pode ser visualizado no Quadro 2A, que higiene pessoal, café da manhã, limpeza da casa, almoço e jantar eram trabalhos constantes e diários, sendo o tempo médio disponível para essas atividades de 40min, 19 min, 2h20 min, 61,0 min e 36,0 min, respectivamente. Nestas tarefas participavam, além da mulher, os filhos e a empregada doméstica. As atividades relacionadas ao cuidado com jardim, lavar e passar roupas eram geralmente realizadas de duas a três vezes por semana, nas quais eram despendidas, em média, 2 horas, 1h40min, 1h46 min, respectivamente, ocorrendo a participação do marido no cuidado com o jardim e a participação da empregada doméstica no lavar (59,7%) e passar roupas (62,5%). As atividades de lazer contavam com a participação de toda família (79,5%), geralmente nos fins de semana (43,0%), com duração média de 2h25min. Já as compras eram realizadas uma vez por mês, pela esposa (43,7%), com a colaboração do marido (52,1%), os quais gastavam, em média, 1h34min. Com relação ao cuidado com as crianças, considerado uma tarefa diária, constatou-se que era realizado tanto pela esposa quanto pelo marido, gastando em média 3 horas, sendo esses cuidados oferecidos preferencialmente à noite (34,7%). Durante o dia essas crianças ficavam sob os cuidados dos outros membros da família, da empregada doméstica ou de instituições, como escolas, creches e outras.

Comparando as mulheres dos diferentes níveis socioeconômicos, foram verificadas algumas diferenças relevantes. Em primeiro lugar, observou-se que as

mulheres do nível de apoio eram as mais sobrecarregadas, pois, além de trabalhar fora de casa, em 36,4% dos casos costumavam fazer sempre a limpeza da casa à noite. Quase a metade dessas mulheres (41,7%) passava e lavava roupas, de duas a três vezes por semana, e 54,5% delas o faziam no período da noite, após o trabalho na UFV, contando com pouca ajuda na execução dessas tarefas. Com exceção do lazer, as mulheres do nível de apoio realizam todas as tarefas descritas no Quadro 3A, quase sem ajuda, o que evidencia claramente a dupla jornada diária dessas mulheres. Esses dados estão coerentes com a pesquisa realizada por AQUINO (1993), com trabalhadoras de um hospital público de Salvador-BA, também categorizadas em níveis ocupacionais: enfermeiras e auxiliares de enfermagem. Nesse estudo, constatou-se que as auxiliares de enfermagem, com menor nível socioeconômico, eram também as que tinham uma sobrecarga de trabalho, pois, além de ter uma atividade profissional de grande intensidade, não eram poupadas em absoluto das tarefas da casa. Portanto, quando não estavam no hospital, grande parte delas realizava inteiramente ou a maior parte das atividades de limpeza, além de cozinhar, passar e lavar roupas, não contando, assim, com os serviços de uma empregada doméstica, o que se refletiu em piores condições de saúde para esse segmento.

Quanto às mulheres pertencentes ao nível intermediário, como pode ser constatado no Quadro 4A, verificou-se que cerca da metade delas contava com a ajuda da empregada doméstica na execução de tarefas, como: limpeza da casa (48,0%), almoço (48,8%), lavar roupa (53,2%), passar (52,3%); tarefas estas geralmente executadas no período da manhã (57,9, 88,4 e 48,7% dos casos, respectivamente), com exceção de “passar roupa”, que era realizada, na maioria das vezes, à noite (42,8%). Os cuidados com jardins, realização das compras e cuidado com as crianças eram tarefas nas quais pouco mais da metade contava com a presença do marido para sua realização (50,1, 53,4 e 50,0%, respectivamente). Já as mulheres do nível superior, como pode ser evidenciado no Quadro 5A, transferiam basicamente todo o serviço doméstico para suas empregadas, ou seja, a limpeza da casa (76,2%), o almoço (76,3%), o lavar roupa (85,7%) e o passar roupa (92,5%). Apenas algumas atividades eram realizadas

pelas entrevistadas, como: café da manhã (43,2%) e jantar (46,0%). As atividades relacionadas ao cuidado com jardim, ao lazer, à realização das compras e ao cuidado com as crianças eram, na maioria dos casos, realizadas juntamente com os maridos (52,1, 88,0, 58,9 e 50,0%, respectivamente).

Os resultados demonstraram que, no que diz respeito à dupla jornada diária, as mulheres dos níveis intermediário e superior estão em vantagem em relação às do nível de apoio. Entretanto, observou-se que, mesmo com ajuda da empregada e de alguns membros da família, a mulher continua sendo a principal responsável pelas atividades desenvolvidas no cotidiano familiar, seja executando as tarefas, seja orientando e planejando para que outros as desempenhem. Esses resultados estão coerentes com o estudo desenvolvido por WOORTMANN (1987), que aponta que as obrigações masculinas consistem em atividades de construção e reparos da casa; homens adultos não participam, e nem se espera que o façam, nas atividades diárias rotineiras, que são de “incumbência da mulher”. Nos casos em que eles ajudam, permanece um padrão de segregação de papéis; ao homem cabe o trabalho “pesado”, tal como carregar lenha ou mover o mobiliário. Em outras palavras, ele faz o trabalho que implica qualidades “masculinas”. Neste mesmo contexto, os resultados da pesquisa de BLAIR e LICHTER (1991), sobre a segregação por gênero do trabalho familiar, mostram que as mulheres americanas continuam a trabalhar mais horas do que seus maridos, nas tarefas domésticas. Os parceiros, quando compartilham o trabalho doméstico, realizam tarefas específicas, menos rotineiras, “mais masculinas” e geralmente “fora de casa”. O estudo concluiu que atividades tradicionais sexista continuam a reforçar definições convencionais de “trabalho de mulher”, limitando o papel compartilhado dos casais americanos, quanto ao trabalho familiar.

Quanto ao trabalho doméstico em termos monetários, os valores apontados pelas mulheres entrevistadas variaram, no conjunto, de R\$ 100,00 a R\$ 1.000,00. Em outras palavras, se pudessem elas pagariam, em média, R\$260,8 para uma outra pessoa fazer os serviços domésticos. Entretanto, quando indagadas sobre o quanto cobrariam se tivessem que executar todas as tarefas

domésticas, os valores variaram de R\$ 100,00 a R\$ 1.500,00, existindo 11,6% delas que não as fariam por valor algum, principalmente as mulheres do nível intermediário e superior. De todo modo, na concepção das mulheres entrevistadas, em média o valor a ser cobrado seria de R\$ 374,80 para a execução de todas as tarefas caseiras. Segundo WALKER e GAUGER (1973), no processo de alocação dos recursos familiares, algumas questões são norteadoras, como: quanto custaria pagar a alguém para realizar todos os serviços que a família proporciona a seus membros e quais seus benefícios? Qual o tempo despendido pela dona de casa nos serviços domésticos e no mercado de trabalho e qual a contribuição dos mesmos? Pois, se por um motivo ou outro, os membros da família não cuidarem de seus próprios consertos e reparos caseiros, como o corte de grama, a preparação de alimento, a lavagem de roupa etc., então alguém terá de fazê-lo e, para isso, esse serviço deverá ser remunerado. Assim, mesmo quando os serviços domésticos são transferidos para outra pessoa, os valores a eles atribuídos devem ser mantidos. Conseqüentemente, um valor em dinheiro deveria ser dado como pagamento pelos serviços de prover comida, roupa, moradia e cuidado da família. Segundo os autores, calculando-se o tempo que a família gasta para fazer esse trabalho doméstico e tendo como base as taxas de salários vigentes, que seriam pagos a outras pessoas pela execução dos mesmos serviços, seria possível estabelecer um preço ou valor aproximado do trabalho doméstico.

Faz-se necessário ressaltar a diferença existente entre o valor que as entrevistadas dão ao trabalho doméstico e o pagamento das empregadas domésticas, que é estabelecido por lei, ou seja, não foi objetivo dessa pesquisa estabelecer valores para o serviço prestado pelas empregadas domésticas, e sim avaliar a percepção do valor do trabalho doméstico, na opinião das mulheres entrevistadas.

4.5. Ambiente de trabalho

O ambiente de trabalho, em termos de localização e espaço, posse de equipamentos, uso de serviços, presença de riscos, envolvimento de aprendizagem e nível de satisfação, foi analisado tanto em função do âmbito doméstico como do âmbito profissional.

4.5.1. Ambiente de trabalho doméstico

No que se refere ao ambiente de trabalho doméstico, procurou-se identificar os arranjos encontrados pelas mulheres dos diferentes níveis socioeconômicos. Verificou-se, por meio dos dados, que de modo geral 65,0% da amostra contava com os serviços de uma empregada doméstica na realização das atividades caseiras. No entanto, esta presença não se distribuía de forma equitativa entre os três níveis socioeconômicos; enquanto 88,4% das mulheres do nível superior contavam com a ajuda de empregadas domésticas, apenas 8,3% das mulheres do nível de apoio se encontravam nesta situação. Entre as mulheres do nível intermediário, mais da metade (58,3%) também possuía empregada. Dentro desse contexto, de acordo com BRUSCHINI (1990), o arranjo cotidiano das famílias e a realização do trabalho doméstico sofrem alterações significativas se o grupo familiar tem condições para contratar os serviços de uma empregada doméstica. Neste caso, o mais freqüente é que sejam delegadas a elas as tarefas mais manuais e menos especializadas, contidas no extenso rol dos afazeres domésticos, como a limpeza do domicílio e os cuidados com as roupas. A dona de casa, além de se encarregar das demais, seleciona, treina e delega tarefas, assim como supervisiona a execução do trabalho e cobra bons resultados.

Em relação às tarefas consideradas desagradáveis, os dados do Quadro 11 mostraram que 82,5% das mulheres entrevistadas identificaram pelo menos uma tarefa caseira deste tipo. Dentre as tarefas que não agradavam às mulheres, destacaram-se “lavar e passar roupas” (38,2%) e “cozinhar” (33,8%), que

apresentaram índices significativos, independentemente do nível socioeconômico das mulheres pesquisadas.

Quadro 11 - Relação das tarefas desagradáveis às mulheres contratadas pela UFV, Viçosa-MG, 2000

| Tarefas Não-Agradáveis | Nível Ocupacional (%) | | | |
|------------------------|-----------------------|-------|---------------|----------|
| | Geral | Apoio | Intermediário | Superior |
| Lavar e passar | 38,2 | 41,7 | 30,0 | 46,2 |
| Cozinhar | 33,8 | 41,7 | 30,0 | 34,6 |
| Limpar a casa | 14,7 | 8,3 | 16,7 | 15,4 |
| Todas em geral | 10,3 | - | 23,3 | - |
| Nenhuma | 3,0 | 8,3 | - | 3,8 |

Questionadas sobre as estratégias adotadas quando a empregada doméstica faltava ao serviço, 62,7% das entrevistadas disseram executar as tarefas caseiras, à medida do possível, dentro do seu tempo; 22,4% costumavam compartilhar o trabalho com os outros membros da família; e 14,9% realizavam refeições fora de casa. Quanto às estratégias citadas, exceção deve ser feita às mulheres do nível de apoio, já que menos de 10% delas tinham empregada doméstica e, além disto, não contavam com recursos financeiros suficientes.

Em termos dos equipamentos mais usados considerados facilitadores do trabalho doméstico, foram citados, em média, três equipamentos, destacando-se a máquina de lavar roupa (82,1%), o forno de microondas (52,6%) e o “freezer” (23,2%). O índice médio de equipamentos foi de 0,46, num intervalo de 0,16 a 1,0, ou seja, 46% das mulheres contavam com equipamentos que as auxiliavam no trabalho doméstico. Contudo, embora esses equipamentos aliviem a carga física de trabalho da mulher, não deixam de exigir a alocação de tempo na execução de tais tarefas. Como afirmam WALKER e GAUGER (1973), os equipamentos existem, mas não fazem os serviços sozinhos, isto é, muitos utensílios e aparelhos domésticos estão realmente economizando mão-de-obra e aliviando a carga de trabalho, mas ainda demandam tempo para execução do serviço, manutenção e consertos. Algumas mudanças no trabalho familiar

tornaram-no mais fácil de ser feito, no entanto não podemos confundir “mais fácil de fazer com “menos tempo gasto em fazer”.

Questionadas quanto ao ambiente do trabalho doméstico, em termos do desenho da lavanderia e da cozinha, 80,6% das mulheres afirmaram possuir uma estrutura adequada, o que facilitava o trabalho. Esse dado se confirma mesmo quando desagregado por nível ocupacional, quando se constatou que, para os níveis de apoio, intermediário e superior, os valores foram de 75, 68,7 e 95,4%, respectivamente.

4.5.2. Ambiente de trabalho profissional

Na análise do ambiente de trabalho no contexto profissional foram selecionados alguns aspectos, dentre os quais o grau de satisfação que as mulheres possuíam em relação ao emprego, ao salário, aos colegas, à proteção no trabalho, aos equipamentos e à atividade que desempenhavam.

No Quadro 12 verifica-se que, de modo geral, 70,9% do segmento feminino amostrado, independente do nível socioeconômico, considerava-se satisfeito com seu emprego, influenciado basicamente pelo ambiente, em termos de colegas e proteção. Mais da metade das entrevistadas considerava-se satisfeita com seus colegas de trabalho (72,8%), assim como com a proteção no trabalho (70,9%).

Em relação ao salário, foi destacado por 38,8% das entrevistadas um nível de insatisfação, principalmente naquelas do nível superior (46,5%). Do total de mulheres entrevistadas, 36,9% sentiam-se pouco satisfeitas, devendo-se ressaltar que, desse grupo, a maioria (66,7%) se situava no nível de apoio.

Quanto aos equipamentos que auxiliam o trabalho, observou-se que 62,1% das mulheres consideravam-nos adequados e 67,0% sentiam-se satisfeitas com as atividades desenvolvidas no dia-a-dia do seu trabalho profissional, principalmente as do nível de apoio.

Em resumo, o único componente do trabalho profissional que apresentou índices expressivos nas categorias “insatisfeitas” e “pouco satisfeitas” foi o

salário; apenas 4,2% das mulheres do nível intermediário afirmaram estar “muito satisfeitas”.

Quadro 12 - Especificação do grau de satisfação com diferentes componentes do trabalho profissional das mulheres contratadas pela UFV, Viçosa-MG, 2000

| Componentes do Trabalho | Nível de Ocupação (%) | | | |
|-----------------------------|-----------------------|-------|---------------|----------|
| | Geral | Apoio | Intermediário | Superior |
| Emprego | 4,8 | 8,4 | 2,1 | 7,0 |
| Insatisfeita | 6,8 | 8,3 | 10,4 | 2,3 |
| Pouco satisfeita | 70,9 | 75,0 | 64,6 | 76,7 |
| Satisfeita | 17,5 | 8,3 | 22,9 | 14,0 |
| Muito satisfeita | | | | |
| Salário | | | | |
| Insatisfeita | 38,8 | 25,0 | 35,4 | 46,5 |
| Pouco satisfeita | 36,9 | 66,7 | 33,3 | 32,5 |
| Satisfeita | 22,3 | 8,3 | 27,1 | 21,0 |
| Muito satisfeita | 1,9 | - | 4,2 | - |
| Colegas de Trabalho | | | | |
| Insatisfeita | 6,8 | 16,7 | 8,3 | 7,0 |
| Pouco satisfeita | 9,7 | - | 10,4 | 7,0 |
| Satisfeita | 72,8 | 66,7 | 64,6 | 83,7 |
| Muito satisfeita | 10,7 | 16,6 | 16,7 | 2,3 |
| Proteção no Trabalho | | | | |
| Insatisfeita | 12,6 | 8,3 | 12,5 | 14,0 |
| Pouco satisfeita | 11,6 | 33,3 | 14,6 | 2,3 |
| Satisfeita | 70,9 | 58,4 | 66,7 | 79,0 |
| Muito satisfeita | 4,9 | - | 6,2 | 4,7 |
| Equipamentos | | | | |
| Insatisfeita | 18,5 | 33,3 | 16,7 | 16,3 |
| Pouco satisfeita | 16,5 | 8,3 | 16,7 | 18,5 |
| Satisfeita | 62,1 | 58,3 | 60,4 | 65,1 |
| Muito satisfeita | 2,9 | - | 6,2 | - |
| Atividades Exercidas | | | | |
| Insatisfeita | 6,8 | 25,0 | 2,1 | 7,0 |
| Pouco satisfeita | 8,7 | 8,3 | 14,6 | 2,3 |
| Satisfeita | 67,0 | 61,7 | 56,2 | 79,0 |
| Muito satisfeita | 17,5 | - | 27,8 | 11,7 |

Em relação à satisfação com o ambiente de trabalho, conforme demonstrado no Quadro 13, 39,3% das entrevistadas consideravam-se satisfeitas, 26,6% estavam insatisfeitas com as relações interpessoais (relacionamento com chefes, colegas de trabalho etc.) e 21,5% sentiam-se insatisfeitas com a inadequação da infra-estrutura, em termos de espaço, equipamentos e funcionários.

Quadro 13 - Relação dos aspectos de insatisfação das mulheres contratadas pela UFV, em relação ao seu ambiente de trabalho profissional, Viçosa-MG, 2000

| Ambiente de Trabalho Aspectos de Insatisfação | Nível Ocupacional (%) | | | |
|---|------------------------------|-------|---------------|----------|
| | Geral | Apoio | Intermediário | Superior |
| Relacionamento interpessoal | 26,6 | 30,0 | 24,4 | 28,6 |
| Inadequação de infra-estrutura humana e física em termos de espaço, equipamentos e funcionários | 21,5 | 10,0 | 14,6 | 35,8 |
| Tipo de tarefa realizada e condições de salário | 12,6 | 20,0 | 7,3 | 17,8 |
| Nenhuma reclamação quanto ao ambiente de trabalho | 39,3 | 40,0 | 53,7 | 17,8 |

Quando foi indagado às entrevistadas se elas consideravam que realizavam atividades em excesso, observou-se (Quadro 14) que, independente do nível de ocupação, apenas 37,9% das entrevistadas achavam que realizavam atividades em excesso no seu trabalho; 30,1% delas costumavam levar trabalho para casa e 26,2% realizavam tarefas profissionais nos fins de semana. No entanto, em termos comparativos, observou-se que as mulheres do nível superior são as que mais costumavam realizar atividades em excesso (48,8%), assim como levar trabalho para casa (51,2%) e realizá-los nos fins de semana (48,8%). Tal resultado está coerente com o tipo de tarefas executadas pela maior parte das mulheres do nível superior, que podem ser realizadas fora do âmbito profissional. Com essa situação surgiu o seguinte questionamento: seria esse tempo uma extensão do trabalho profissional ou uma tripla jornada de trabalho?

Procurou-se, também, constatar a disponibilidade de tempo das entrevistadas para descansar durante a jornada de trabalho. De modo geral, 72% das mulheres dispunham de aproximadamente 15 minutos, usados, na maioria das vezes, para tomar café. Os dados mostraram ainda que, em termos gerais, 27,1% das mulheres realizavam, no trabalho profissional, alguma tarefa da qual não gostavam e que apenas 3,8% consideravam seu trabalho perigoso.

Quadro 14 - Aspectos relativos ao excesso de atividades e à satisfação com as mesmas na percepção das mulheres contratadas pela UFV, Viçosa-MG, 2000

| Aspectos do Trabalho Profissional | Nível de Ocupação (%) | | | |
|--|-----------------------|-------|---------------|----------|
| | Geral | Apoio | Intermediário | Superior |
| Realiza atividades em excesso | 37,9 | 16,7 | 33,3 | 48,8 |
| Realiza atividade profissional em casa | 30,1 | - | 18,7 | 51,2 |
| Realiza tarefas nos fins de semana | 26,2 | - | 12,5 | 48,8 |
| Possui tempo para descansar no seu trabalho | 72,0 | 100 | 72,9 | 62,8 |
| Realiza atividades profissionais que não gosta | 27,1 | 33,3 | 18,7 | 34,9 |
| Considera seu trabalho perigoso | 3,8 | 16,7 | 2,1 | 2,3 |

Além disso, procurou-se levantar informações junto às mulheres se o trabalho realizado por elas já havia provocado alguma enfermidade, tendo sido constatado que 49,5% do segmento feminino havia contraído alguma doença por questões laborais. Observa-se no Quadro 15 que, na maioria das vezes, os problemas de saúde apontados eram de origem emocional, dentre os quais se destacam os casos de estresse (46,1%), registrados principalmente para as mulheres do nível superior (68,7%), possivelmente por suas atividades serem de cunho cognitivo e de grandes responsabilidades. Foram observados, ainda, os casos de estresse associado à tensão muscular (33,9%), no conjunto dos casos de enfermidades geradas pelo ambiente de trabalho, principalmente para as mulheres dos níveis de apoio e intermediário, provavelmente pelo fato de exercerem atividades manuais e que exigiam atenção e concentração.

Quadro 15 - Aspectos relacionados ao estado de saúde em virtude dos exercício das atividades profissionais das mulheres contratadas pela UFV, Viçosa-MG, 2000

| Tipos de Enfermidade | Nível de Ocupação (%) | | | |
|----------------------------|-----------------------|-------|---------------|----------|
| | Geral | Apoio | Intermediário | Superior |
| Estresse | 46,1 | 20,0 | 25,0 | 68,7 |
| Depressão | 12,3 | - | 10,7 | 15,6 |
| Tensão muscular e estresse | 33,9 | 60,0 | 50,1 | 15,7 |
| Alergia | 6,2 | 20,0 | 10,7 | - |
| Coluna | - | - | - | - |
| LER | 1,5 | - | 3,5 | - |

4.6. Estratégias de conciliação entre o tempo laboral e o tempo familiar

Por meio da análise dos dados apresentados no Quadro 16, observou-se que, independente do nível socioeconômico, as mulheres utilizavam mais de uma estratégia na conciliação entre seu tempo laboral e o tempo pessoal e familiar, sendo as três mais destacadas: a dupla jornada diária, a transferência das tarefas domésticas para uma empregada e o planejamento das atividades e organização, que atingiram valores equivalentes a 45,6, 33,0 e 24,3%, respectivamente.

Quadro 16 - Análise comparativa entre as estratégias de conciliação do tempo laboral e familiar das mulheres contratadas pela UFV, Viçosa-MG, 2000

| Estratégias de Conciliação | Nível Ocupacional (%) | | | |
|---|-----------------------|-------|---------------|----------|
| | Geral | Apoio | Intermediário | Superior |
| Dupla jornada diária | 45,6 | 66,7 | 58,3 | 25,6 |
| Transfêrencia das tarefas para a empregada | 33,0 | 8,3 | 29,2 | 44,2 |
| Faz os serviços domésticos nos fins de semana | 12,6 | 33,3 | 14,6 | 4,6 |
| Recorre a instituições especializadas | 15,5 | 16,6 | 12,5 | 18,6 |
| Divisão das tarefas com os membros da família | 17,5 | 41,7 | 14,5 | 14,0 |
| Planejamento das atividades (organização) | 24,3 | 16,7 | 16,7 | 34,8 |
| Meia jornada de trabalho (6 horas) | 2,0 | - | 4,2 | - |
| Menor nível de exigência | 2,0 | - | 4,2 | - |
| Ajuda os filhos nas tarefas escolares à noite | 8,7 | - | 10,4 | 9,3 |

No entanto, quando comparados os três segmentos das mulheres entrevistadas, pode-se observar que a estratégia mais utilizada pelas mulheres do nível de apoio era a dupla jornada diária (66,7%), uma vez que essas mulheres, além de trabalhar fora, tinham como responsabilidade a execução de atividades domésticas, como limpar a casa, fazer almoço, lavar/ passar roupas e outras. Geralmente, essas tarefas eram realizadas à noite, que era o tempo disponível para a sua execução. A segunda estratégia das mulheres desse nível foi a divisão das tarefas domésticas com os membros da família (41,7%), seguida pela execução dos serviços caseiros nos fins de semana (33,3%).

Essas estratégias são claramente identificadas por meio dos depoimentos das mulheres do nível de apoio:

“Faço comida à noite (almoço junto com jantar), limpo a casa, passo e lavo as roupas assim que chego do trabalho”.

“Lavo roupa à noite, minha filha faz a limpeza da casa durante a semana, procuro pagar as contas após o trabalho e cuidado dos animais nos finais de semana”.

“Nos finais de semana faço uma boa faxina na casa, passo e lavo todas as roupas da semana, a partir daí tento manter tudo nos lugares durante a semana, sendo organizada”.

Por outro lado, mais da metade das mulheres do nível intermediário (58,3%) também possuía a dupla jornada diária; 29,2% tinham condições de transferir o serviço doméstico para a empregada; enquanto 16,7% das mulheres deste grupo planejavam as atividades a serem executadas, procurando ser organizadas. Essas estratégias podem ser justificadas por meio dos depoimentos a seguir:

“Ajudo a empregada no serviço da casa, cuidado das crianças de manhã e à noite”.

“Minha estratégia é levantar mais cedo e dormir mais tarde, não ser tão rigorosa com os serviços domésticos e ter uma boa empregada”.

“Procuro isolar os dois tempos, antes de sair deixo o cardápio do almoço pronto”.

Quanto às mulheres do nível superior, as estratégias mais utilizadas foram: transferência dos serviços domésticos para a empregada (44,2%), planejamento e organização das atividades (34,8%), além da dupla jornada diária (25,6%). Dentro desse contexto, essas estratégias foram também identificadas nos seguintes depoimentos:

“Pago uma empregada e utilizo os serviços do LDH (Laboratório de Desenvolvimento Humano) para deixar meus filhos”.

“Antes de sair para o trabalho organizo a casa, a geladeira, verificando os alimentos a fim de preparar o cardápio que será executado pela empregada, e a oriento sobre as tarefas do dia”.

“Depois do trabalho coloco as crianças para fazer a higiene, faço o jantar, a limpeza da casa e adianto o almoço”.

Nesse sentido, os depoimentos prestados demonstraram que as mulheres dos diferentes níveis procuravam conciliar as jornadas de trabalho profissional e doméstico, de acordo com suas possibilidades. A maior diferença em termos de facilidade de conciliação entre o tempo laboral e o tempo familiar consistiu no fato de que a maioria das mulheres do nível superior possuía uma ajudante, possibilitando, desta forma, a transferência dos serviços domésticos para as mesmas; mesmo assim, algumas dessas mulheres destacaram a importância da organização e do planejamento das atividades como uma estratégia essencial para ajudá-las. Diante desses resultados observou-se que, de alguma forma, todas as mulheres, independente do nível socioeconômico, exerciam alguma atividade no âmbito doméstico, caracterizando uma situação de dupla jornada; a única diferença que pode ser identificada neste cenário é a intensidade da execução das tarefas que compõem as rotinas familiares. Além disto, é importante ressaltar que, principalmente no caso das mulheres do nível superior, constatou-se que mais da metade delas realizava atividades profissionais em casa.

4.7. Aspectos relacionados à qualidade de vida

Dependendo da interação dos componentes apresentados no modelo tridimensional, exposto na Figura 1, assim como das estratégias utilizadas pelas mulheres para conciliação do tempo disponível, o produto ou resultado das condições do trabalho feminino poderá contribuir, ou não, para a melhoria da qualidade de vida das mulheres e de seus familiares.

Com base em CEBOTAREV (1979), o conceito de qualidade de vida utilizado referiu-se às condições necessárias para satisfazer adequadamente às necessidades básicas e culturalmente definidas, indispensáveis para o desenvolvimento normal do potencial humano e para o exercício responsável de sua capacidade, levando-se em consideração seu meio ambiente físico e natural. Assim, o conceito de qualidade de vida está vinculado tanto a fatores concretos de vida, como às aspirações dos indivíduos ou grupos, com relação aos seguintes componentes de qualidade de vida: trabalho doméstico e profissional, lazer, educação, transporte, família, saúde, amizade, segurança financeira, moradia, aspectos psicológicos ou bem-estar consigo mesmo e segurança física, destacados como mais relevantes na interface com o trabalho feminino, por sua associação com a capacidade de adaptação da família e contribuição no desenvolvimento dos recursos familiares.

A identificação objetiva desses componentes, dentre os quais se destacou o trabalho, pode ser visualizada no Quadro 17. De modo geral, os dados demonstraram que 78,6% das mulheres sentiam que seu trabalho profissional era valorizado, preferencialmente aquelas enquadradas nas ocupações de nível superior; sendo esta mesma percepção constatada com relação ao trabalho doméstico (84,5%). A maioria das mulheres indicou gostar do tipo de tarefas que realizava, tanto no lar (91,3%) quanto no trabalho profissional (95,2%); do ponto de vista de sua auto-imagem, 96% consideraram que realizam bem o seu trabalho doméstico, enquanto 100% delas disseram que realizam adequadamente suas atividades no trabalho profissional. Também, houve um predomínio das mulheres que consideravam que o trabalho profissional ocupava muito do seu tempo

(88,4%), com destaque para as mulheres dos níveis superior (93%) e intermediário (87,5%). Cerca de 88,3% das mulheres consideravam que o trabalho profissional exigia muitas atividades, estando este percentual próximo ao registrado pelo trabalho doméstico (84,5%). Com relação à intensidade das funções realizadas, observou-se que as trabalhadoras do nível superior foram aquelas que perceberam seu trabalho como mais exigente, em termos do número de atividades (97,7%), comparadas às dos níveis intermediário (83,3%) e de apoio (75%).

Apesar de o trabalho profissional ocupar muito de seu tempo e exigir muitas atividades, todas as mulheres entrevistadas o consideram como uma parte importante de suas vidas.

Quadro 17 - Aspectos objetivos do componente trabalho na avaliação da qualidade de vida das mulheres contratadas pela UFV, Viçosa-MG, 2000

| Questões Afirmativas sobre o Trabalho Profissional e Doméstico | Nível Ocupacional (%) | | | | | | | |
|--|-----------------------|--------|-------|-------|---------------|------|----------|------|
| | Geral | | Apoio | | Intermediário | | Superior | |
| | Prof.* | Dom**. | Prof. | Dom. | Prof. | Dom. | Prof. | Dom. |
| Sente que seu trabalho é valorizado | 78,6 | 84,5 | 66,6 | 58,3 | 75,0 | 87,5 | 86,0 | 88,3 |
| Gosta do tipo de tarefa que realiza | 95,2 | 91,3 | 91,7 | 75,0 | 91,6 | 95,8 | 100,0 | 90,6 |
| Acha que realiza bem seu trabalho | 100,0 | 96,0 | 100,0 | 100,0 | 100 | 93,7 | 100,0 | 97,7 |
| Seu trabalho ocupa muito do seu tempo | 88,4 | 82,5 | 75,0 | 75,0 | 87,5 | 83,3 | 93,0 | 83,7 |
| Exige muitas atividades | 88,3 | 84,5 | 75,0 | 83,3 | 83,3 | 83,3 | 97,7 | 86,0 |

* Prof., refere-se ao trabalho profissional.

** Dom., equivale ao trabalho doméstico.

Dentre os demais domínios de vida, apresentados no Quadro 18, tem-se o componente lazer. Do total de mulheres entrevistadas, 75,7% afirmaram sentir falta de um tempo livre para descansar e se divertir. Desse conjunto, 86,9% dedicavam aos filhos o tempo disponível fora da jornada de trabalho (esse tempo era geralmente desfrutado por meio de brincadeiras, orientações, passeios e ajuda

nos deveres escolares), o que implicava menos tempo livre para si mesmas. Este aspecto foi indicado por 68,6% das mulheres, no entanto ele ocorreu com mais intensidade no caso específico das mulheres do nível de apoio, pois apenas 41,7% delas possuíam tempo para si próprias.

Outro domínio de vida analisado foi a educação. Constatou-se que 78,6% das entrevistadas gostariam de estudar mais, principalmente as do nível de apoio (100%), já que, no geral, apenas 66,7% delas tiveram oportunidades de capacitação profissional. Ainda no que se refere a esta capacitação, os dados indicaram que as mais beneficiadas foram as mulheres do nível superior, das quais 85,7% usufruíam de efetivas oportunidades de capacitação. Sob este aspecto, o grupo constituído pelas mulheres do nível de apoio foi o que apresentou menor índice (41,7%).

Em termos do componente transporte, 44,7% das mulheres utilizavam ônibus, considerados adequados, mas insuficientes, devendo-se ressaltar que 75,0% do nível de apoio, 56,2% do nível intermediário e 23,2% do nível superior faziam uso desse tipo de transporte. O serviço de transporte urbano, referente aos ônibus, atendia a praticamente 75% das necessidades das entrevistadas dos níveis de apoio e intermediário.

Com relação ao domínio da vida relativo à família, evidenciou-se que a maioria das mulheres (94,2%) se sentia apoiada e compreendida por sua família; domínio este que foi destacado preferencialmente pelas entrevistadas dos níveis superior (100,0%) e intermediário (93,7%).

Quanto ao aspecto saúde, observou-se que 91,3% das entrevistadas afirmaram desfrutar de boa saúde na época da entrevista, sentindo-se com energia suficiente para enfrentar o dia-a-dia; embora 54,4% delas tinham tido, no último ano, algum problema de saúde. Em relação à posse de seguro de saúde, 100,0% das mulheres entrevistadas afirmaram contar com um plano de saúde, o que facilitava em ocasiões de doenças familiares eventualmente ocorridas.

Quadro 18 - Aspectos objetivos dos componentes de qualidade de vida das mulheres contratadas pela UFV, Viçosa-MG, 2000

| Respostas Afirmativas sobre os Componentes objetivos da Qualidade de Vida | Nível Ocupacional (%) | | | |
|---|-----------------------|-------|---------------|----------|
| | Geral | Apoio | Intermediário | Superior |
| Lazer | | | | |
| Sente falta de tempo livre para descansar/divertir | 75,7 | 66,7 | 77,1 | 76,7 |
| Possui tempo para dedicar a seus filhos | 86,9 | 83,3 | 90,0 | 85,0 |
| Tem tempo livre para si mesma | 68,6 | 41,7 | 72,3 | 72,1 |
| Educação | | | | |
| Se pudesse gostaria de estudar mais | 78,6 | 100,0 | 77,1 | 74,4 |
| Tem tido oportunidade de capacitação | 68,6 | 41,7 | 56,2 | 85,7 |
| Serviço de transporte | | | | |
| Você utiliza ônibus | 44,7 | 75,0 | 56,2 | 23,2 |
| Os ônibus atendem às suas necessidades | 70,7 | 75,0 | 75,7 | 53,8 |
| Considera os serviços de transporte suficientes | 48,3 | 81,8 | 52,9 | 13,3 |
| Família | | | | |
| Você se sente compreendida e apoiada pela família | 94,2 | 75,0 | 93,7 | 100,0 |
| Saúde | | | | |
| Desfruta de boa saúde | 91,3 | 75,0 | 95,8 | 95,4 |
| Teve algum tipo de problema de saúde no último ano | 54,4 | 58,3 | 39,6 | 58,1 |
| Tem plano de saúde | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| Amizade | | | | |
| Considera que tem boas amigas | 96,1 | 100,0 | 93,7 | 97,7 |
| Compartilha problemas com seus amigos | 74,7 | 75,0 | 72,9 | 76,7 |
| Segurança financeira | | | | |
| Possui renda suficiente para atender às suas necessidades básicas | 81,5 | 75,0 | 75,0 | 90,7 |
| Tem reservas para imprevistos | 44,6 | 33,3 | 35,4 | 58,2 |
| Necessita de mais dinheiro para atender ao seu orçamento | 68,9 | 91,7 | 75,0 | 55,8 |
| Habitação | | | | |
| Gostaria de ter outro tipo de casa | 46,6 | 75,0 | 43,7 | 41,7 |
| Tem problema de convivência com seus vizinhos | 8,7 | 8,3 | 6,2 | 11,6 |
| Bem-estar | | | | |
| Se sente sozinha | 27,1 | 25,0 | 29,2 | 23,2 |
| Considera que deve mudar em algum aspecto | 51,4 | 66,7 | 43,7 | 55,8 |
| Segurança física | | | | |
| Sente medo de sair sozinha à noite | 21,3 | 50,0 | 20,8 | 14,0 |
| Já foi vítima de alguma violência física ou verbal | 30,1 | 33,3 | 22,9 | 37,2 |

No que diz respeito ao relacionamento com amigos, 96,1% das entrevistadas consideraram que tinham boas amizades; 74,7% delas costumavam partilhar problemas e intimidades com seus amigos, tanto de fora quanto de dentro da família.

Quanto ao domínio de vida relativo à segurança financeira, os dados mostraram que, embora 81,5% das mulheres entrevistadas percebam sua renda como suficiente para atender às suas necessidades básicas, 44,6% afirmaram ter poucas reservas para imprevistos; neste último grupo se situam, principalmente, as mulheres do nível de apoio (33,3%). E é também neste grupo que se concentra a maior parte das mulheres que afirmaram necessitar de mais dinheiro para atender aos gastos totais relacionados ao orçamento doméstico. Assim, nesse aspecto, observou-se uma variação nos percentuais dos diferentes níveis ocupacionais, ou seja, 91,7% das mulheres do nível de apoio, 75,0% do nível intermediário e 55,8% do nível superior apontaram a necessidade de mais recursos. Essa alta participação das mulheres do nível de apoio está coerente com o fato de este ser o segmento que recebe os menores salários.

Quanto aos aspectos ligados à moradia, observou-se que 46,6% do total das entrevistadas gostariam de ter outro tipo de casa. Tal resultado foi influenciado principalmente pelo desejo de melhor padrão de moradia, expressado pela maioria das mulheres do nível de apoio (75%); apenas 8,7% das entrevistadas afirmaram ter problemas de convivência com seus vizinhos, sendo esta alternativa assinalada em todos os extratos pesquisados.

Em termos dos aspectos psicológicos ou do bem-estar consigo mesma, 27,1% das mulheres afirmaram que se sentiam sozinhas, considerando, ainda, que deveriam mudar em algum aspecto de suas vidas (51,4%).

Os dados da pesquisa relativos à segurança física mostraram que 21,3% das mulheres sentiam medo de sair sozinhas em Viçosa. É importante destacar que 31,1% dessas entrevistadas indicaram já terem sido vítimas de algum tipo de violência, principalmente violência verbal.

Os componentes apresentados no Quadro 18 foram também analisados de forma subjetiva, segundo o nível de satisfação (insatisfeito, pouco satisfeito, satisfeito e muito satisfeito). No conjunto geral, conforme pode ser observado no Quadro 19, a proporção de mulheres que se declararam satisfeitas no que se refere ao tempo dedicado ao trabalho profissional foi de 45,7%, valor este muito próximo das que se consideraram insatisfeitas (46,6%). Embora se observe, à primeira vista, um certo equilíbrio nas frequências das duas opiniões, é preciso considerar que 64,6% dessas mesmas mulheres indicaram que o tempo familiar era muito pequeno e que gostariam de ter mais tempo para se dedicar a seus filhos, assim como para o atendimento da casa. Destacou-se que o grau de insatisfação com relação ao trabalho foi mais elevado nos níveis de apoio (58,3%) e intermediário (54,2%).

Quanto ao lazer, verificou-se que apenas 34,9% das mulheres se sentiam satisfeitas com o tipo de lazer realizado, com destaque para as do nível de apoio (41,7%); já que a maioria das mulheres (57,3%), independente do nível ocupacional, estava insatisfeita com o tempo dedicado ao lazer, ou seja, considerava pouco o tempo disponível para este tipo de atividade. Os principais tipos de lazer destacados pelas mulheres foram “assistir a programas de televisão” e “passeios” em geral (48,6%), seguido de “frequência a clubes” (27,1%). Grande parte das mulheres costumava desfrutar do tempo livre fazendo caminhadas, ginástica e esporte em geral (40,7%).

Quanto ao nível de escolaridade, 58,2% das mulheres se sentiam insatisfeitas com seu grau de instrução, porque gostariam de ter mais conhecimentos e cultura, assim como melhores condições de emprego e salário (57,8%). Destaca-se que esta é a percepção de 100% das mulheres do nível de apoio, seguidas pelas do nível intermediário (60,4%), ou seja, ambos os segmentos gostariam de estudar mais, pois consideravam o seu nível de escolaridade insuficiente. Em termos de oportunidades de capacitação profissional, 58,2% das mulheres destacaram ter recebido cursos e treinamentos, oferecidos pela UFV, em suas áreas de atuação profissional.

Quadro 19. Nível de satisfação com os componentes de qualidade de vida das mulheres contratadas pela UFV, Viçosa-MG, 2000

| Domínios da Qualidade de Vida | Níveis Ocupacionais % | | | | | | | | | | | | | | | |
|----------------------------------|-------------------------------|------|------|-----|--|------|-------|-----|---|------|------|-----|--|------|------|-----|
| | Geral Nível de satisfação* | | | | Nível de Apoio Nível de satisfação* | | | | Nível Intermediário Nível de satisfação* | | | | Nível Superior Nível de satisfação* | | | |
| | I | PS | S | MS | I | PS | S | MS | I | PS | S | MS | I | PS | S | MS |
| Trabalho | 46,6 | 7,7 | 45,7 | - | 58,3 | - | 41,7 | - | 54,2 | 10,4 | 35,4 | - | 34,8 | 7,0 | 58,2 | - |
| Lazer | 57,3 | 7,8 | 34,9 | - | 50,0 | 8,3 | 41,7 | - | 58,3 | 8,3 | 33,4 | - | 58,2 | 6,9 | 34,9 | - |
| Educação | 58,2 | 3,9 | 37,9 | - | 100,0 | - | - | - | 60,4 | 4,2 | 35,4 | - | 44,2 | 4,6 | 51,2 | - |
| Transporte | 84,5 | 2,9 | 12,6 | - | 66,7 | - | 33,3 | - | 87,5 | 2,1 | 10,4 | - | 86,1 | 4,6 | 9,3 | - |
| Família | 6,9 | 6,9 | 79,4 | 6,8 | 8,3 | 8,3 | 83,4 | - | 10,4 | 4,2 | 77,1 | 8,3 | 2,3 | 9,3 | 81,4 | 7,0 |
| Saúde | 5,8 | 5,8 | 88,4 | - | 25,0 | - | 75,0 | - | 4,2 | 4,2 | 91,6 | - | 2,3 | 9,3 | 88,4 | - |
| Amizade | 0,9 | 0,9 | 93,2 | 5,0 | - | - | 100,0 | - | 2,1 | - | 95,8 | 2,1 | 2,3 | - | 88,4 | 9,3 |
| Renda | 32,1 | 33,8 | 33,1 | 1,0 | 66,7 | 8,3 | 25,0 | - | 41,7 | 31,2 | 25,0 | 2,1 | 11,6 | 44,2 | 44,2 | - |
| Moradia | 19,4 | 10,7 | 66,0 | 3,9 | 50,0 | - | 50,0 | - | 18,7 | 10,4 | 66,7 | 4,2 | 11,6 | 13,9 | 69,8 | 4,7 |
| Bem-estar | 7,8 | 9,8 | 78,4 | 3,9 | - | 16,7 | 75,0 | 8,3 | 8,5 | 6,4 | 83,0 | 2,1 | 9,3 | 11,6 | 74,4 | 4,7 |
| Seg. física | 67,9 | 7,7 | 24,4 | - | 58,3 | - | 41,7 | - | 77,1 | 4,2 | 18,7 | - | 60,5 | 13,9 | 25,6 | - |
| Total | 35,2 | 8,9 | 54,0 | 1,8 | 43,9 | 3,9 | 51,5 | 0,7 | 38,5 | 7,8 | 52,0 | 1,7 | 29,4 | 11,4 | 56,9 | 2,3 |

* Níveis de satisfação: I- insatisfeito, PS- pouco satisfeito, S- satisfeito e MS- muito satisfeito.

Em relação à satisfação com os serviços de transporte, dimensionada em termos das condições do trânsito (aspecto considerado de vital importância no componente transporte), 84,5% do grupo pesquisado afirmou estar insatisfeito, com destaque para as mulheres do nível superior (86,1%) e do nível intermediário (87,5%).

Quanto ao componente saúde, observou-se que 88,2% das entrevistadas estavam satisfeitas com sua saúde, apesar de terem apresentado alguns problemas de enfermidade no decorrer do ano, principalmente as do nível de apoio.

No que se refere ao relacionamento com seus familiares, mais de três quartos das mulheres entrevistadas, independente do nível ocupacional, sentiam-se satisfeitas, embora 68% delas tenham destacado alguns aspectos que as aborreciam no ambiente familiar, como discórdias, reclamações, brigas e discussões, os quais foram preponderantes nas diferentes categorias ocupacionais, ou seja, referentes aos níveis de apoio, intermediário e superior (50,0, 73,9 e 68,4%, respectivamente). Outros fatores que não lhes agradavam no ambiente doméstico, destacados pelo conjunto das mulheres, estavam relacionados à falta de cooperação dos membros familiares nas atividades domésticas e à escassez de equipamentos (20,0%), assim como aos problemas de saúde na família (12,0%), sendo esse o motivo mais ressaltado pelas mulheres do nível de apoio (37,5%).

Quanto aos amigos, 93,2% do total das mulheres se sentiam satisfeitas com os mesmos, e os índices encontrados nos três níveis ocupacionais não apresentaram grandes variações.

No que diz respeito ao componente da vida relacionado com a renda, pode-se constatar que mais de 65% das mulheres pesquisadas estavam pouco satisfeitas (33,8%) ou insatisfeitas (32,1%) com sua renda, pois consideravam que o salário estava defasado e, portanto, não-condizente com suas necessidades financeiras atuais. Esta foi a opinião da maioria das trabalhadoras do nível de apoio (75,0%) e do nível intermediário (72,9%).

No que se refere aos aspectos ligados à habitação, mais da metade das mulheres dos níveis intermediário (66,7%) e superior (69,8) estava satisfeita com as condições de suas moradias, sentimento este que não era compartilhado pelas que integravam o nível de apoio, pois 50,0% delas gostariam de ter outro tipo de casa ou de fazer reformas nas residências atuais, como ampliação da casa, visando obter mais espaço, ou pintura das paredes e melhora do aspecto estético de suas habitações, para ter maior conforto.

Quanto aos aspectos psicológicos ou ao fato de estarem bem consigo mesmas, mais de 70,0% do total de mulheres estavam satisfeitas com a maneira como estavam desenvolvendo suas vidas, no trabalho e na forma de serem. No entanto, 45,7% delas consideravam que deveriam mudar em alguns aspectos, relacionados ao próprio comportamento, como serem mais pacientes, menos ansiosas, mais extrovertidas e com maior autocontrole (autoconfiança).

No que concerne à segurança física, mais da metade das mulheres, dos níveis de apoio (5,3%), intermediário (77,1%) e superior (60,5%), sentia-se insatisfeita com os serviços de segurança existente no município de Viçosa.

Analisando o nível de satisfação total com a qualidade de vida, constatou-se, conforme pode ser visualizado na Figura 3, que mais da metade das mulheres, independente do nível socioeconômico, estava satisfeita com a qualidade de vida.

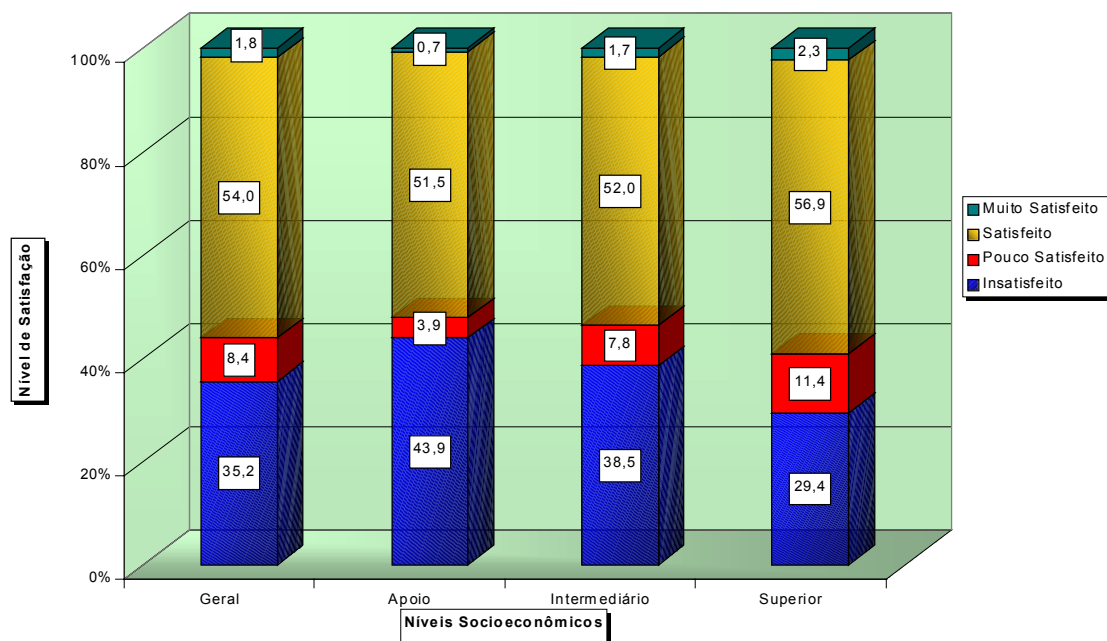


Figura 3 - Índice de satisfação total das mulheres contratadas pela UFV em relação à qualidade de vida, de acordo com seus níveis socioeconômicos, Viçosa-MG, 2000.

Quanto ao nível de satisfação específico para cada componente da qualidade de vida em geral, os dados mostraram que, independente dos segmentos amostrados, os índices de satisfação total foram influenciados principalmente pelos componentes família, amizade, saúde e bem-estar consigo mesma. Tal resultado evidencia que as necessidades de relacionamento humano, de crescimento e de bem-estar do próprio indivíduo são importantes na percepção da qualidade de vida, para as mulheres trabalhadoras da UFV. Essa evidência está coerente com a opinião de DURNING (1992), que chamou a atenção sobre as necessidades sociais, psicológicas e espirituais para o alcance da felicidade dos indivíduos, ou seja, para o autor não é somente o consumo de bens materiais que traz felicidade. Por outro lado, o grau de insatisfação, para os três segmentos pesquisados, estava relacionado aos seguintes domínios da vida: tempo de lazer, condições do trânsito e segurança física, isto é, abrangiam, segundo o marco teórico de ALDERFER (1969), basicamente as necessidades de existência.

Os componentes da qualidade de vida que variaram em função do nível socioeconômico das mulheres pesquisadas foram: tempo dedicado ao trabalho, item importante para o grupo do nível intermediário, em termos de insatisfação (64,6%); educação e renda, componentes determinantes da insatisfação para mais da metade das mulheres dos níveis de apoio e intermediário; e condições da moradia, domínio considerado insatisfatório, principalmente para as mulheres do nível de apoio. Em resumo, esses três componentes da vida, habitação, trabalho e educação, são os aspectos básicos para uma melhoria mais equilibrada da qualidade de vida das mulheres contratadas pela UFV.

No cruzamento das variáveis de satisfação com qualidade de vida e dupla jornada de trabalho, os resultados mostraram que 55% das mulheres que tinham dupla jornada se encontravam, em geral, pouco satisfeitas com a qualidade de vida e que apenas 33,3 delas se sentiam satisfeitas. Esses níveis de satisfação devem estar sendo influenciados pelos componentes relativos ao trabalho, ao tempo de lazer, à educação, ao transporte, à renda e à segurança física, que foram os aspectos ressaltados como insatisfatórios, independentemente do nível socioeconômico das entrevistadas. Em contrapartida, as mulheres que não possuíam dupla jornada encontravam-se mais satisfeitas com a qualidade de vida, posto que 66,7% delas consideravam-se satisfeitas com a qualidade de vida total e 49,3% se percebiam como pouco satisfeitas. Esses resultados estão, portanto, coerentes com os demais dados apresentados na pesquisa, ou seja, as mulheres que possuem dupla jornada tendem a estar mais insatisfeitas com a qualidade de vida, pois menor é o tempo de lazer e para si mesma, assim como são maiores os conflitos na conciliação do tempo, principalmente aquele relacionado à família.

4.8. Relação estatística entre a dupla jornada e os aspectos do modelo tridimensional do trabalho feminino

Com a finalidade de verificar quais componentes do modelo tridimensional do trabalho feminino estavam estatisticamente relacionados à dupla jornada de trabalho da mulher, fez-se o uso da análise de correlação de

Spearman, cujos resultados podem ser visualizados no Quadro 20, os quais foram complementados pela análise descritiva das frequências cruzadas entre essas mesmas variáveis.

Quadro 20 - Correlações entre dupla jornada de trabalho da mulher e variáveis do modelo tridimensional do trabalho feminino, Viçosa-MG, 2000

| Variáveis | Correlação | Significância |
|--|------------|---------------|
| Escolaridade | -0,3174 | 0,0007 |
| Autonomia em relação aos cuidados com a casa | -0,1630 | 0,0499 |
| Satisfação com a maneira que está desenvolvendo sua vida | -0,1874 | 0,0292 |
| Nível de ocupação | -0,3050 | 0,0010 |
| Número de filhos | 0,1748 | 0,0388 |
| Renda familiar | -0,2579 | 0,0046 |
| Presença de empregada doméstica | -0,4455 | 0,0000 |
| Enfermidade provocada pelo excesso de trabalho | 0,1568 | 0,0566 |
| Nível de satisfação com o tempo familiar | -0,2210 | 0,0128 |
| Ajuda dos membros familiares na execução do trabalho doméstico | -0,3170 | 0,0007 |
| Satisfação com qualidade de vida total | -0,1855 | 0,0305 |

Constatou-se que as variáveis relativas ao perfil da mulher trabalhadora que eram estatisticamente relacionadas à dupla jornada, em níveis de 0,07 até 4,99%, ou seja, inferiores a 5%, foram: escolaridade, autonomia em relação aos cuidados com sua casa, satisfação com a maneira que estava desenvolvendo sua vida e tipo de ocupação exercida na UFV.

Em relação à variável escolaridade, observou-se que, quanto menor o grau de escolaridade da mulher, maior a tendência dela assumir uma dupla jornada, ou seja, os dados descritivos demonstraram que 72,7% das mulheres com baixo nível de escolaridade exerciam a dupla jornada de trabalho, resultado este comprovado estatisticamente pelo sentido da correlação inversa em nível de 0,07%.

Outra variável destacada em relação ao perfil da mulher foi sua autonomia em relação aos cuidados com sua casa, tendo sido constatado que, quanto menor o grau de independência da mulher em relação aos cuidados com sua casa, maior será a tendência dela adotar uma dupla jornada. O cruzamento dessas variáveis mostrou essa relação, dado que 55,8% das mulheres que

possuíam dupla jornada eram mais dependentes em relação aos cuidados com a casa, ou seja, elas próprias tinham de cuidar dessa atividade. Dentro deste contexto, estatisticamente, ocorreu uma correlação no sentido inverso, em nível de 4,9%.

No que se refere à satisfação da mulher com a maneira como ela vem desenvolvendo sua vida, observou-se que, quanto menor o nível de satisfação com o desenvolvimento de sua vida, maior a tendência dessas mulheres estarem desempenhando uma dupla jornada. Os dados amostrais comprovaram o sentido dessa associação, evidenciando que 68,7% das mulheres que tinham dupla jornada se encontravam insatisfeitas com a maneira pela qual vêm desenvolvendo sua vida. Esse tipo de associação foi comprovado estatisticamente pela correlação negativa, apresentada no Quadro 20, em nível de 2,92%.

Quanto ao aspecto referente ao tipo de ocupação exercida pelas mulheres contratadas pela UFV, constatou-se que quanto mais baixo o nível ocupacional, em termos de status ou nível socioeconômico, maior a tendência das mulheres assumirem uma dupla jornada. A tabela cruzada mostrou que 66,6% das mulheres com dupla jornada estavam enquadradas no nível de apoio, que, em termos econômicos, é o de menor rendimento na hierarquia dos níveis ocupacionais. O sentido e a intensidade dessa relação foram estatisticamente confirmados pelo sinal negativo do coeficiente de correlação, significativo em nível de 0,1%.

No que se refere às características familiares das mulheres contratadas pela UFV, as variáveis estatisticamente significativas pela correlação de Spearman, em níveis de 0,46 até 3,88%, foram: número de filhos e renda familiar.

Descritivamente, os dados mostraram que, ao comparar as mulheres que têm dupla jornada com aquelas que não têm, 61,5% das que a tinham eram aquelas que possuíam mais filhos. Estatisticamente, o sentido da correlação dessas variáveis foi positivo em nível de 3,8.

Outra variável do perfil familiar significativa foi a renda familiar, tendo sido comprovada, de forma descritiva e estatística, a hipótese de que quanto

menor o rendimento familiar maior a tendência da mulher assumir uma dupla jornada de trabalho. Observou-se que 76,4% das mulheres com menor rendimento familiar eram exatamente aquelas que se encontravam assumindo uma dupla jornada de trabalho. Essa relação inversa foi comprovada estatisticamente pelo sinal negativo do coeficiente, em nível de 0,46.

No que diz respeito ao ambiente de trabalho da mulher, as variáveis associadas à dupla jornada, com nível de significância variando de 0 a 5,66%, foram: presença de empregada doméstica, enfermidade provocada pelo excesso de trabalho, tempo dedicado à família e colaboração dos membros familiares na execução dos afazeres domésticos.

Em relação à presença de empregada doméstica, observou-se que, quanto menor a presença de empregada doméstica, maior era a tendência das mulheres adotarem dupla jornada. Em termos de amostra, 77,7% das mulheres que não contavam com a presença da empregada doméstica eram as que desempenhavam uma dupla jornada de trabalho, o que foi comprovado estatisticamente pelo sentido indireto da correlação, em nível de 0%, ou seja, uma correlação perfeita.

Outra variável analisada no âmbito do ambiente de trabalho foi a enfermidade provocada pelo excesso de trabalho. Quanto a este aspecto, a hipótese foi confirmada, pois quanto maior a ocorrência de enfermidades em virtude da intensidade do trabalho mais elevada a probabilidade de a mulher estar assumindo uma dupla jornada de trabalho. Esta relação foi comprovada pela frequência cruzada, ao indicar que 62,7% do total das mulheres que possuíam boa saúde, eram também as que não assumiam dupla jornada; o sentido direto dessa correlação foi estatisticamente significativo em nível de 5,66%.

No que se refere à satisfação com o tempo dedicado à família, observou-se que, quanto menor o nível de satisfação com o tempo para a família, maior a tendência da mulher estar assumindo dupla jornada, ou seja, 51,1% das mulheres que possuíam dupla jornada se encontravam insatisfeitas com o tempo dedicado às suas famílias. Estatisticamente, essa relação inversa foi comprovada, em nível de 1,28%.

Em relação à colaboração dos membros familiares na execução dos afazeres domésticos, constatou-se que, quanto menor a colaboração nas atividades do lar, maior a tendência da mulher estar desempenhando dupla jornada; assim, 72,4% das mulheres que possuíam dupla jornada não contavam com a ajuda dos membros familiares. Do ponto de vista estatístico, o sinal negativo do coeficiente de correlação comprovou essa relação, em nível de 0,07%.

E, por fim, a variável que se destacou como estatisticamente significativa em nível de 3,05% de probabilidade diz respeito à satisfação total com a qualidade de vida, já tendo sido observado a descritivamente a associação negativa entre essas variáveis: quanto menor o nível de satisfação da mulher com a qualidade de vida, maior a tendência dela estar assumindo uma dupla jornada de trabalho. Assim, o trabalho da mulher, nas categorias analisadas, torna-se uma necessidade, que resulta, na maioria dos casos, em dupla e talvez até tripla jornada de trabalho, o que diminui o seu tempo para as relações sociais e, conseqüentemente, sua qualidade de vida. Esses dados estão coerentes com os resultados encontrados na pesquisa realizada por PINTO (1995), com a população do município de Pinheiros-ES, onde se concluiu que o trabalho da mulher também esteve inversamente relacionado com a qualidade de vida, dado que ele implicaria, muitas vezes, em fazer arranjos familiares nem sempre satisfatórios (desenvolver serviços domésticos após a jornada de trabalho, não ter muito tempo junto dos filhos etc.), ou seja, as mulheres, em sua maioria, pelos próprios valores sociais e culturais dominantes, contam basicamente consigo mesmas no desempenho das tarefas domésticas.

5. RESUMO E CONCLUSÕES

A análise da relação dupla jornada da mulher e qualidade de vida, levando-se em consideração o nível socioeconômico das mulheres contratadas pela UFV, possibilitou a visualização de aspectos que merecem ser considerados, por permitirem uma reflexão mais aprofundada da realidade do trabalho feminino.

No que se refere às características pessoais, pode-se observar que prevaleceram, nos segmentos pesquisados, mulheres com idade entre 35 e 49 anos, casadas, que se integraram ao mercado laboral com 21 anos, tendo nível superior completo. Este resultado, porém, não predominou entre as mulheres do nível de apoio, que possuíam basicamente o ensino fundamental. Quanto à naturalidade das participantes, a maioria é da cidade de Viçosa. Os resultados referentes à concepção acerca de gênero das mulheres entrevistadas mostraram que, de modo geral, elas preferiam compartilhar decisões familiares, assim como dividir tarefas domésticas, com os demais membros da família, concebendo como natural que homens e mulheres desempenhem as mesmas tarefas, como também acham que as tomadas de decisões devem ser partilhadas entre marido e mulher. Quanto à tendência ao modernismo individual, evidenciada por uma série de aspectos culturais, sociais, econômicos, tecnológicos, administrativo e políticos, constatou-se que, independente do nível socioeconômico, as mulheres

trabalhadoras da UFV possuem um conjunto de qualidades indicadoras de uma maior tendência ao modernismo, dado que: percebiam a realidade vivenciada com condições de novas aprendizagens; estabeleciam projetos pessoais e profissionais, considerando-se independentes e abertas para aceitar novas tecnologias; preocupavam-se com aspectos relativos ao lucro, participando na luta pelos seus direitos; e participavam de associações formais e informais, com exceção das mulheres do nível de apoio. Quanto à outra característica pessoal relacionada à tomada de decisão ou ao grau de autonomia das mulheres entrevistadas, foi constatado que a maioria percebia que exercia um menor controle sobre seu cotidiano familiar, ou seja, consideravam-no como mais difícil de ser controlado, em comparação com sua vida pessoal e profissional, às quais dedicavam a maior parte da jornada diária de trabalho.

Referindo-se ao perfil das famílias, no contexto geral, verificou-se que elas eram nucleares, com três a quatro componentes residentes no domicílio, estando na fase de maturação do seu ciclo de vida. Tais resultados, em termos da composição familiar, estão coerentes com as evidências apresentadas atualmente pelas estatísticas nacionais. Tinham, em média, dois filhos morando em casa, sendo a maioria adolescentes. As características constatadas nos três segmentos estudados estavam relacionadas ao grau de escolaridade e ao rendimento familiar, que foram maiores para as mulheres do nível superior.

Quanto às características do “habitat” familiar, verificou-se que a maioria das entrevistadas residia em bairros residenciais, com predomínio de casas próprias, as quais gastavam, em média, 22 minutos de casa ao trabalho e utilizavam em torno de 41% dos serviços comunitários listados.

No que se refere ao ambiente de trabalho da mulher, observou-se que as principais ocupações realizadas fora de casa foram: servente de limpeza, para as mulheres do nível de apoio; auxiliar administrativo, para as de nível intermediário; e professoras, para o segmento de nível superior. Os motivos que as levaram a trabalhar fora de casa foram, principalmente, a realização profissional e pessoal e a independência financeira. Quanto às principais dificuldades encontradas por elas na execução de suas tarefas caseiras,

predominou a falta de tempo no exercício dessas atividades, enquanto a maior dificuldade para trabalharem fora foi a falta de tempo para ficar com os filhos.

Considerando o dia-a-dia da mulher, no que se refere às atividades domésticas, foi constatado que elas realizavam determinadas atividades diariamente, como: café da manhã, almoço, limpeza da casa, jantar e cuidados com crianças; enquanto outras atividades, executadas apenas duas ou três vezes na semana, foram: cuidados com jardim, lavar e passar roupas. Nessas atividades, registrou-se a participação de alguns membros familiares e da empregada doméstica, seja como executor do trabalho ou como colaborador. Já a atividade de lazer era preferencialmente desfrutada por toda família, nos fins de semana.

Quanto à satisfação com o ambiente de trabalho profissional, constatou-se que os componentes considerados satisfatórios foram: o próprio emprego, os colegas de trabalho, a proteção no trabalho, os equipamentos e as atividades exercidas. Apenas o salário foi considerado insatisfatório pelas entrevistadas, não tendo sido destacado pela maioria das mulheres qualquer aborrecimento em relação ao ambiente de trabalho em si. Quanto ao trabalho em excesso, apenas as mulheres do nível superior destacaram esse aspecto como relevante, dado que costumavam levar trabalho para casa, além de executá-los nos fins de semana.

No que se refere às estratégias de conciliação entre o tempo laboral e o tempo familiar, adotadas pelas mulheres deste estudo, observou-se que as entrevistadas dos níveis de apoio e intermediário eram as que mais se percebiam como realizadoras de uma dupla jornada de trabalho, pois, além do trabalho laboral, elas executavam a maioria das atividades do âmbito doméstico. As mulheres do nível superior costumavam transferir as atividades domésticas para uma empregada, o que facilitava a conciliação do tempo dedicado à família com o tempo profissional, despendido tanto no âmbito institucional como doméstico.

Quanto aos aspectos relacionados à qualidade de vida, analisando o índice de satisfação total, foi observado que mais da metade das entrevistadas se sentia satisfeita com a qualidade de vida. Esta satisfação era influenciada pelos seguintes componentes: família, amizade, saúde e bem-estar consigo mesma, o que demonstra que as necessidades de relacionamento e de autocrescimento são

significativas em termos de qualidade de vida. Entretanto, o grau de insatisfação, independentemente do segmento analisado, estava relacionado aos itens: tempo de lazer, trânsito, renda e segurança física, ou seja, abrangia basicamente as necessidades de existência. Os componentes de qualidade de vida que variaram em função do nível socioeconômico das trabalhadoras da UFV foram: tempo dedicado ao trabalho, educação, renda e condições de moradia.

Do ponto de vista estatístico, os resultados comprovados pela correlação de Spearman identificaram quais variáveis do modelo tridimensional do trabalho feminino estavam associadas à dupla jornada de trabalho da mulher, especificamente em termos de seu perfil pessoal e familiar, ambiente de trabalho e qualidade de vida. Dentro das características pessoais da mulher, destacaram-se: a escolaridade, a autonomia e a satisfação com sua vida e o tipo de ocupação. Quanto aos fatores relacionados às características familiares, foram significativas a renda familiar e o número de filhos. Com respeito ao ambiente de trabalho, as variáveis relevantes foram: a presença de empregada doméstica, enfermidade causada pelo excesso de trabalho, tempo disponível para família e colaboração dos membros familiares na execução das atividades domésticas. E, por fim, o nível de satisfação total com a qualidade de vida mostrou-se estatisticamente inverso com a dupla jornada de trabalho. Com exceção do número de filhos e da ocorrência de enfermidades provocadas pelo excesso de trabalho, todas as demais variáveis estavam inversamente correlacionadas com a dupla jornada de trabalho, o que demonstra que esses fatores necessitam ser avaliados no sentido de diminuir a intensidade da dupla jornada de trabalho da mulher, aumentando, assim, suas possibilidades de conciliação do trabalho laboral e familiar e, conseqüentemente, seu nível de satisfação com a qualidade de vida.

Diante dos resultados pode-se concluir, quanto ao padrão do trabalho feminino, que a mulher participa de praticamente todas as atividades cotidianas da unidade familiar. Esta participação se deu de forma diferenciada, de acordo com os níveis socioeconômicos, ficando o segmento feminino do nível de apoio e parte das mulheres do nível intermediário com uma maior responsabilidade sobre as tarefas do âmbito doméstico. Deve-se destacar, nesse padrão de atividades, a

pouca participação dos membros familiares na execução das atividades domésticas, o que dificulta a conciliação pela mulher entre o tempo laboral e o tempo familiar. A partir daí, pode-se inferir que, pelas práticas e representações simbólicas dentro de formações socioculturais existentes, ainda não se desfez o modelo dicotômico homem/esfera pública e mulher/espço privado, com um conjunto de idéias sobre o que é "próprio" dos homens e "próprio" das mulheres. Neste sentido, o fato de as mulheres estarem alcançando a esfera pública, com possibilidades incontestáveis de inserção no mercado de trabalho, implica um custo no desenrolar de suas vidas cotidianas, dado pela sobrecarga de tarefas, diante da existência dos papéis e das prescrições sociais sexistas. Este assunto chamou até a atenção do Papa João Paulo II, citado por ROMERO (2000), quando reclamou sobre uma "cultura do trabalho" na qual os valores humanos estejam acima dos valores econômicos..., escrevendo: "o verdadeiro avanço da mulher exige que o trabalho esteja estruturado de forma que as mulheres não tenham que pagar por sua promoção [...] às custas da família". Também é importante mencionar a opinião de Gary Becker, Prêmio Nobel de Economia, ao explicitar: "as famílias saudáveis têm uma influência direta sobre o capital. O mercado necessita de certas doses de valores como ética, honestidade, competência e cooperação, o mercado depende da cultura, e esta da educação e a criança depende da família ... Assim, necessitamos atender o capital social, preservá-lo e aumentá-lo, em vez de destruí-lo..." Neste sentido, a promoção do exercício dos talentos, dos direitos e das responsabilidades das mulheres, sem acabar com suas funções familiares, requer chamar a atenção não somente dos maridos e dos pais sobre suas responsabilidades familiares, mas também dos governos e dos empregadores privados, para que atendam aos seus deveres sociais. Tal fato implicará toda uma transformação cultural, pois, para que haja a verdadeira emancipação da mulher e do homem, esta não deve ser contrária a um funcionamento saudável da família (Glendon, 1998, citado por ROMERO 2000). Este funcionamento saudável da família tem exigido a adoção de estratégias pelas mulheres, visando a conciliação entre o tempo laboral e o tempo familiar, que podem ser diferenciadas conforme o seu nível socioeconômico. Ou seja, os

resultados mostraram que as mulheres que pertenciam ao nível de apoio eram as mais sobrecarregadas, por causa da maior participação nas tarefas do cotidiano familiar, enquanto as mulheres do nível superior e parte das mulheres do nível intermediário conseguiam transferir seus problemas de conciliação com a contratação da empregadas doméstica, minimizando, assim, sua jornada no que se refere ao trabalho familiar. No entanto, ao delegar os serviços caseiros para a empregada doméstica, a mulher transfere esta responsabilidade para outra mulher, o que poderia, neste caso, estar reforçando a idéia ou o preconceito vigente em nossa sociedade, que identifica o trabalho doméstico como “trabalho de mulher”. Neste sentido, o presente estudo também confirma essa questão, ao identificar, na prática, a distribuição não-igualitária do trabalho doméstico, mostrando que os homens continuam a ter "privilégios sociais", enquanto as mulheres continuam enfrentando tensões cotidianas ligadas ao exercícios simultâneos da profissão e do seu papel doméstico tradicional. Esta superposição de papéis tem implicado um somatório de jornadas, quando a mulher tenta superar o esquema que contrapõe a vida familiar e o trabalho, buscando alcançar o equilíbrio entre os eixos em torno dos quais são construídas suas identidades: ser mãe, trabalhadora e esposa.

Assim, quando se pensa numa melhoria da qualidade de vida das mulheres profissionais que possuem uma dupla jornada de trabalho, torna-se necessário que sejam desenvolvidos mecanismos e ações, de caráter econômico, social, educativo e psicológico, que considerem as diferentes características do grupo familiar e suas formas de relações internas e externas, de modo a reduzir as tendências negativas que podem afetar o vínculo trabalho e família, em sua dimensão temporal. Tal fato implica não somente apoiar, mas também orientar os membros familiares para que haja um equilíbrio mais equitativo dos papéis de gênero na reprodução social, o que envolve programas de emprego com jornadas adequadas e salários dignos, que permitam a satisfação das necessidades vitais dos indivíduos e de suas famílias e o fortalecimento de suas funções. Tudo isso conjugado com uma eficiente e variada rede de serviços de apoio à unidade

familiar, para que haja uma solução mais harmônica entre as contradições geradas pela relação tempo de trabalho e tempo para família.

Finalmente, em se tratando da UFV, a proposição central para que haja uma melhoria na qualidade de vida das famílias deveria ser no sentido de oferecer maiores oportunidades de capacitação às mulheres contratadas por essa instituição, a fim de implementar ações adequadas à melhoria das necessidades de segurança financeira e física. Além disto, seria importante que houvesse maior reconhecimento, pelos órgãos pertinentes da instituição, dos laços existentes entre trabalho e família, desde uma perspectiva sistêmica, que reconhecesse e enfrentasse suas inter-relações não como contraditórias, mas procurando uma adaptação ou maior flexibilidade na organização laboral, de maneira a favorecer o cumprimento dos papéis profissionais e familiares. As ações na organização do tempo livre deveria envolver a criação estrutural de oportunidades de lazer para todo o grupo familiar no espaço público, com atividades de consumo cultural e comunitária, visando fortalecer os vínculos e a comunicação intrafamiliar e entre seus grupos de referência, bem como reduzir os fatores de tensão e conflitos /estresse, promovendo, assim, o processo de humanização ou a melhoria do bem-estar humano.

Nesse sentido, a contribuição desta pesquisa consistiu em oferecer subsídios para orientar os profissionais e as instituições ligadas, direta ou indiretamente, com a população estudada, uma vez que possibilitou identificar os aspectos insatisfatórios em termos de trabalho, ambiente de trabalho e qualidade de vida, na opinião das mulheres entrevistadas. Ou seja, os profissionais ligados às áreas de ciências humanas e sociais, trabalhando conjuntamente com a Diretoria de Recursos Humanos e o órgão de segurança do trabalho da UFV, poderiam elaborar projetos para verificar a efetividade da estrutura organizacional da instituição, para proporcionar oportunidades de aumento dos conhecimentos das mulheres, por meio de cursos de capacitação, que favoreçam tanto os aspectos profissionais, quanto os relativos ao âmbito doméstico; e para analisar a relação entre o estado de saúde, o tipo e o ambiente de trabalho da mulher, visando melhorar a qualidade de vida desse segmento de trabalhadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACOSTA-HOYOS, L.E., GUERRERO, J.S.J. **Tecnologia e qualidade de vida, uma polêmica de nosso tempo**. Viçosa, MG: UFV, 1985. 112p
- ALDERFER, C.P. An empirical test of the new theory of human needs. **Organizational Behavior and Human Performance**, v.4, p.142-175, 1969.
- ANYON, J. Interseções de gênero e classe: acomodação e resistência de mulheres e meninas às ideologias de papéis sexuais. **Caderno de Pesquisa**, n.73, p.13-25, 1990.
- AQUINO, E.M.L. Saúde e trabalho de mulheres profissionais de enfermagem em um hospital público de Salvador, Bahia, Reu. **Bras. Enfermagem**, v.46, n.3/4, p.234-244, 1993.
- BLAIR, S.L., LICHTER, D.T. Measuring the division of household labor. **Journal of Family Issues**, v.12, n.1, p 91-113, 1991.
- BRUSCHINI, C. Mulheres e trabalho: políticas de recursos humanos em empresas de ponta. **Caderno de Pesquisa**, n. 95, p.13-24, 1995.
- BRUSCHINI, M.C. O trabalho da mulher no Brasil: tendências recentes. In: SAFFIOTI, H. I.B, VARGAS, M. M. (Eds.) **Mulher brasileira é assim**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos/Brasília: NIPAS/UNICEF, 1994. p 63-93.
- BRUSCHINI, C. **Mulher, casa e família: cotidiano nas camadas médias paulistanas**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas; Vértice, 1990. 222p.
- BUCHALLA, A P Trabalho X família. **Revista Veja**, n.15, p. 140-141, 2000.

- CEBOTAREV, E. Mujer rural desarrollo. In: CEBOTAREV, E. (Ed.) **Nuevo enfoque para la educación del hogar en América Latina**. Bogotá: CIID, 1979. 188p.
- CEBOTAREV, E. La organización del tiempo de mujer campesinas en latino américa. **Mujer, familia y desarrollo**, Manizales: Universidad de Caldas, 1994. p.35-82.
- CORAGGIO, L. Alternativas para o desenvolvimento humano em um mundo globalizado **Proposta**, n.72, p 30-38, 1997.
- CUSCHNIR, L. **Feminina/masculino**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992. p.88-90.
- DURNING, A.T. How much is enough? - The Consumer Society and the future of eart. London: EARTHSCAN, 1992. p.38-48.
- EBOLI, M.P. Modernidade na gestão de brancos. **Revista de Administração**, v. 32, n. 3, p. 28-39, 1997.
- ENGBERG, L.E. **Rural household and resourse allocation for developmente; an ecosystem perspective**. Roma: FAO, 1992. 165p.
- FLORO, M.S. Women's well-being, poverty, and work intensity. **Feminist Economics**, v.1, n.3, p.1-25, 1995.
- HIRATA, H., HUMPHREY, J. Estruturas familiares e sistema produtivos famílias operárias na crise. **Tempo Social**, v.4, n.1/2, p. 111-131, 1992.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-IBGE. **Pesquisa sobre padrões de vida** Rio de Janeiro: 1999. 148p.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-IBGE. **Pesquisa Nacional por amostra de domicílios**. [1999]. (<http://www.ibge.gov.br/>).
- LEONE. E.T. Empobrecimento da população e inserção da mulher no mercado de trabalho na região metropolitana de São Paulo na década de 1980. In: OLIVEIRA, C. E. , MATTOSO, J. E. L. (Orgs.). **Crise e trabalho no Brasil, modernidade ou volta ao passado?** São Paulo: Scritta, 1996. p 151-169. (Pensieri).
- LEVIN, J. **Estatística aplicada a ciências humanas**. 2:ed. São Paulo: Harbra, 1987. 392p.

- MACEDO, R.M. A família do ponto de vista psicológico: lugar seguro para crescer? **Caderno de Pesquisa**, n. 91, p. 62-68, 1994.
- MARQUES, N.C. CEBOTAREV, E.A. Economia e a economia familiar. In: **ECONOMIA FAMILIAR: UMA OLHADA SOBRE A FAMÍLIA NOS ANOS 90**, 1996, Viçosa, MG. **Anais...** Viçosa, MG: UFV, 1996. p. 114-130.
- MASLOW, A. **Motivation and personality**. New York: Harper 7 & Row, 1970. 369p.
- METZEM, E., WILLIANS, F.L., SHULL, J., KEEFE, D.R. **Quality of life as affected by area of residence. I Project description**. Columbia: University Missouri, College of Agriculture; Agricultural Experiment Station, 1980. 112p (Research bulletin, 1036).
- MONTALI, L. Arranjos familiares: o esforço coletivo para viver na grande São Paulo. **Caderno de Pesquisa**, n.72, p.58-69, 1990.
- MORAIS, L. ARAUJO, L. Salário de mulher cresceu mais **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 25 Jul. 2000. Caderno de Economia, p.19
- PAGE, M.A. **Propuesta de un sistema de indicadores sociales de igualdad entre géneros**. Madrid: Instituto de la Mujer, 1994. 401p.
- PAIXÃO, M.L.G. **Variação na estrutura de poder conjugal em família rural ao longo do ciclo de vida familiar; microrregião de Viçosa**. Viçosa, MG: UFV, 1993. 203p. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) – Universidade Federal de Viçosa, 1993.
- PINTO, N.M.A. **Estudo da qualidade de vida das famílias num contexto socioeconômico modificado a partir da implementação de programas de irrigação: O caso do Município de Pinheiros-ES**. Viçosa, MG: UFV, 1995. 130p. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) – Universidade Federal de Viçosa, 1995.
- PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO – PNUD. **Relatório de desenvolvimento humano**. Lisboa: Tricontinental, 1995. 230p.
- ROMERO, R.M. El papel social y económico de las familias en la configuración del bien estar social IN: **Dimensiones Economicas y Sociales de la familia**. Madri. Fundacion Argentaria, p. 21-88, 2000.

- SINGAL, S., SRINIVASAN, K. Conceptual framework to study rural women's work patterns and economic contribution to family resource development, **Journal of Consumer Studies and Home Economics**, v. 14, n. 9, p. 31-34, 1990.
- STEIDL, R.E., BRATTON, E.C. **Work in the home**. New York: John Wiley & Sons, 1968. 419p.
- SILVEIRA, M.L. Contribuições da perspectiva de gênero para o esboço de alternativas emancipatórias da sociedade. In: BATISTA, D. (Org.). **Cidadania e subjetividade: novos contornos e múltiplos sujeitos**. São Paulo: Imaginário, 1997. p. 161-179.
- TOLEDO, J.R. Mapa de exclusão social. São Paulo, **Folha de São Paulo**, São Paulo, 26 set. 1998. Caderno Especial, p. 3.
- VIEIRA, M. Mulheres assumem sustento da família. **Jornal Estado de Minas**, Belo Horizonte, 12 mar. 2000. Caderno de Economia, p.4
- VIGOYA, M.V. Entre familia y trabajo. Las Trayectorias Sociales de las parejas de doble Camera (um estudo de Caso Colombiano). In: CONFERÊNCIA IBEROAMERICANA SOBRE FAMÍLIA, JORNADAS LABORAIS Y TIEMPOS FAMILIARES, 4, 1, 1997, Cartagena de Índias, Colômbia. **Anais...** Cartagena de Índias, Colômbia: UEC;CIDS, 1997. p. 89 - 105.
- WAJNMAN, S., PERPÉTUO, I.H.D. A redução do emprego formal e a participação feminina no mercado de trabalho brasileiro. **Nova Economia**, v.7, n. 1, p. 123-147 1997.
- WALKER, K., GAUGER, W. **The dollar value of household work**. Ithaca, NY: New York State College of Human Ecology, 1973. 11p. (Information Bulletin, 60; Social Sciences. Consumer Economics and Public Policies).
- WOORTMANN, K. A. **A família das mulheres**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987. p.87 -222.

APÊNDICE

APÊNDICE

Quadro 1A - Demonstração das atividades desenvolvidas pelas mulheres contratadas pela UFV, Viçosa-MG, 2000

| Atividades | Período (Horas) | Frequência | | Pessoas que ajudam ou realizam atividades na colaboração do trabalho da mulher | | | |
|--|-----------------|------------|---------------|--|----------------------|--------|---------------------|
| | | Sempre | Algumas Vezes | Esposa | Filhos e, ou, Filhas | Marido | Empregada Doméstica |
| Higiene pessoal | | | | | | | |
| Preparo do café da manhã | | | | | | | |
| Limpeza e arrumação da casa | | | | | | | |
| Preparo do almoço | | | | | | | |
| Cuidado com jardim/horta | | | | | | | |
| Lavar roupas | | | | | | | |
| Atividades de lazer e recreação | | | | | | | |
| Prepara o jantar | | | | | | | |
| Realização de compras e pagamento de contas. | | | | | | | |
| Passar roupas | | | | | | | |
| Cuidado das crianças/idosos | | | | | | | |

Quadro 2A - Seqüenciamento das atividades desenvolvidas, em geral, pelas mulheres da UFV, Viçosa-MG, 2000

| Atividades | Geral | | | | |
|-----------------------|----------------------|-----------------|-----------------------|--------------------|--|
| | Período (%) | Tempo (Minutos) | Frequência (%) | Mulher Executa (%) | Quem Ajuda a Mulher (%) |
| Higiene | Manhã, Noite (100,0) | 40,0 | Sempre 100,0 | 100,0 | - |
| Café da manhã | Manhã (100,0) | 19,0 | Sempre 100,0 | 51,5 | Filhos 4,5 Marido 30,3 Emp. Dom. 13,7 |
| Limpeza da casa | Manhã (53,3) | 140,0 | Sempre (74,7) | 25,5 | Filhos 17,5 Marido 3,4 Emp. Dom 53,6. |
| Almoço | Manhã (90,1) | 61,0 | Sempre (94,0) | 27,6 | Filhos 8,6 Marido 9,6 Emp. Dom 54,2. |
| Cuidado com Jardim | Manhã (35,7) | 120 | De 2 a 3 vezes (35,1) | 17,4 | Marido 48,0 Emp. Dom. 22,9 Jardineiro 10,8 |
| Lavar roupa | Manhã (47,7) | 104,0 | De 2 a 3 vezes (50,6) | 29,1 | Filhos 6,1 Marido 4,1 Emp. Dom 59,7. |
| Lazer | Noite (70,1) | 144,8 | Fins de semana (43,0) | 20,5 | Marido. Mulher, Filhos 79,5 |
| Jantar | Noite (100,0) | 36,0 | Sempre (92,8) | 55,6 | Filhos 3,3 Marido 32,1 Emp. Dom. 9,0 |
| Realização de compras | Manhã 48,6 | 93,6 | 1 vez no mês 28,6% | 43,7 | Filhos 20,2 Marido 52,1 Emp. Dom. 2,0 |
| Passar roupas | Noite (34,7) | 106,0 | De 2 a 3 vezes (50,0) | 26,1 | Filhos 9,3 Marido 2,3 Emp. Dom 62,5. |
| Cuidar de crianças | Noite (34,7) | 181,0 | Sempre (87,2) | 50,0 | Marido e Empregada 50,0 |

Quadro 3A - Seqüenciamento das atividades desenvolvidas pelas mulheres do nível de apoio da UFV, Viçosa-MG, 2000

| Atividades | Nível de Apoio | | | | |
|-----------------------|-----------------------|--------------------|---------------------|--------------------|---|
| | Período (%) | Tempo em (Minutos) | Frequência (%) | Mulher Executa (%) | Quem Ajuda a Mulher (%) |
| Higiene | Manhã e a Noite 100,0 | 33,3 | Sempre (100,0) | 100,0 | - |
| Café da manhã | Manhã (100,0) | 23,3 | Sempre (100,0) | 75,0 | Filhos 8,3 Marido 16,7 |
| Limpeza da casa | Noite (36,4) | 105,5 | Sempre (66,6) | 58,3 | Filhos 33,4 Emp. Dom 8,3 |
| Almoço | Manhã (81,8) | 53,0 | Sempre (100,0) | 63,7 | Filhos 18,2 Marido 9,1 Emp. Dom 9,0 |
| Cuidado com Jardim | - | - | - | - | - |
| Lavar roupa | Noite 41,7 | 109,1 | De 2 a 3 vezes 41,7 | 75,0 | Filhos 16,4 Emp. Dom. 8,3 |
| Lazer | Noite (90,0) | 85,7 | Sempre 50,0 | 30,0 | Marido. Mulher, Filhos 70,0 |
| Jantar | Noite (90,0) | 31,6 | Sempre 100,0 | 83,3 | Marido 16,7 |
| Realização de compras | Manhã (72,7) | 87,3 | 1 vez por mês 75,0 | 75,0 | Marido 25,0 |
| Passar roupas | Noite (54,5) | 101,0 | De 2 a 3 vezes 41,7 | 75,0 | Filhos 16,6 |
| Cuidar de crianças | Manhã e noite (50,0) | 228,0 | Sempre 54,4 | 50,0 | Marido 50,0 |

Quadro 4A - Seqüenciamento das atividades desenvolvidas pelas mulheres do nível intermediário da UFV, Viçosa-MG, 2000

| Atividades | Nível Intermediário | | | | |
|-----------------------|-----------------------|-----------------|-----------------------|--------------------|--|
| | Período (%) | Tempo (Minutos) | Frequência (%) | Mulher Executa (%) | Quem Ajuda Mulher (%) |
| Higiene | Manhã e Noite (100,0) | 39,0 | Sempre (100,0) | 100,0 | - |
| Café da manhã | Manhã (100,0) | 17,0 | Sempre (95,6) | 53,2 | Filhos 12,8 Marido 21,2 Emp. Dom. 12,8 |
| Limpeza da casa | Manhã (57,9) | 146,0 | Sempre (75,0) | 33,3 | Filhos 12,5 Marido 6,2 Emp. Dom 48,0 |
| Almoço | Manhã (88,4) | 57,0 | Sempre (97,6) | 33,4 | Filhos 6,7 Marido 11,1 Emp. Dom 48,8. |
| Cuidado com jardim | Manhã (75,0) | 45,0 | De 2 a 3 vezes (36,4) | 41,6 | Marido 50,1 Emp. Dom. 8,3 |
| Lavar roupa | Manhã (48,7) | 101,5 | De 2 a 3 vezes (48,4) | 31,2 | Filhos 8,9 Marido 6,7 Emp. Dom 53,2. |
| Lazer | Noite (68,7) | 162,0 | Sempre (44,4) | 26,4 | Marido. Mulher, Filhos 73,6 |
| Jantar | Noite (100) | 37,0 | Sempre (97,4) | 65,8 | Filhos 2,5 Marido 26,9 Emp. Dom. 4,8 |
| Realização de Compras | Manhã (56,8) | 100,0 | Fins de semana (30,8) | 39,6 | Filhos 4,7 Marido 53,4 Emp. Dom. 2,3 |
| Passar roupas | Noite (42,8) | 93,0 | De 2 a 3 vezes 46,1 | 31,8 | Filhos 13,6 Marido 2,3 Emp. Dom 52,3. |
| Cuidar de crianças | Noite (44,4) | 177,5 | Sempre (95,0)) | 50,0 | Marido e Empregada 50,0 |

Quadro 5A - Seqüenciamento das atividades desenvolvidas pelas mulheres do nível superior da UFV, Viçosa-MG, 2000

| Atividades | Nível Superior | | | | Quem Ajuda a Mulher (%) |
|-----------------------|-----------------------|-----------------|---------------------|--------------------|--|
| | Período (%) | Tempo (Minutos) | Frequência (%) | Mulher Executa (%) | |
| Higiene | Manhã e Noite (100,0) | 45,0 | Sempre 100,0 | 100,0 | - |
| Café da manhã | Manhã (100,0) | 19,4 | Sempre 100,0 | 43,2 | Filhos 2,3 Marido 33,2 Emp. Dom. 21,3 |
| Limpeza da casa | Manhã (57,7) | 146,1 | Sempre 76,5 | 9,6 | Filhos 9,5 Marido 4,7 Emp. Dom 76,2 |
| Almoço | Manhã (96,3) | 67,8 | Sempre 100,0 | 15,7 | Marido 8,0 Emp. Dom 76,3. |
| Cuidado com jardim | Manhã (37,5) | 175,0 | De 2 a 3 vezes 57,1 | 4,3 | Marido 52,1 Emp. Dom. 30,4 Jardineiro 13,2 |
| Lavar roupa | Manhã (56,2) | 103,0 | De 2 a 3 vezes 58,3 | 11,9 | Marido 2,4 Emp. Dom 85,7 |
| Lazer | Noite (65,0) | 143,6 | Fins de semana 48,5 | 12,0 | Marido. Mulher, Filhos 88,0 |
| Jantar | Noite (100,0) | 36,6 | Sempre 85,3 | 46,0 | Filhos 10,7 Marido 27,0 Emp. Dom. 16,3 |
| Realização de compras | Tarde (60,0) | 90,0 | Sempre 30,6 | 38,5 | Marido 58,9 Emp. Dom. 2,6 |
| Passar roupas | Tarde (45,4) | 131,5 | De 2 a 3 vezes 60,9 | 2,5 | Marido 5,0 Emp. Dom 92,5. |
| Cuidar de crianças | Noite (50,0) | 166,0 | Sempre 95,8 | 50,0 | Marido e Empregada 50,0 |